

7

Cristologia Trinitária e Nova Evangelização

Nas páginas precedentes do presente trabalho verificou-se a grande contribuição do autor que é objeto desta pesquisa ao sistematizar o pensamento de diversos teólogos e correntes teológicas, desenvolvendo, porém, estas reflexões com particularidades que lhe são próprias. Neste último capítulo, buscar-se-á verificar o que a reflexão fortiana sobre o Deus de Jesus Cristo pode sugerir para o caminho pastoral da Igreja em nosso tempo.

No momento em que a Igreja se percebe em meio a uma grande crise que assola as diversas instituições e o próprio ser humano, ela é chamada a ter presentes as palavras do seu esposo – Aquele que lhe garante seu amor e caminhar com esperança –, verificando, no entanto, aquilo que precisa mudar em cada época para continuar sendo a mesma, a saber: o sacramento do amor Trinitário de Deus. Tal mudança se mostra necessária, sobretudo, por conta de dois documentos recentes: o documento de Aparecida, elaborado pelos Bispos da América Latina e do Caribe, e o documento *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco, ambos trazidos carinhosamente neste último capítulo.

Entretanto, este olhar sobre a Igreja não será um olhar pessimista; ao contrário, permitirá perceber a crise como uma possibilidade de a Igreja renovar-se e reformar-se a partir do seu centro – o mistério pascal, revelação do mistério trinitário de Deus – e de realizar o que está sendo definido pelos documentos magisteriais como Nova Evangelização.

O termo “nova evangelização” poderia ser impreciso e equívoco, uma vez que o conteúdo da evangelização é sempre o mesmo – a saber: a proclamação da salvação em Jesus Cristo –, ainda que se evidencie, em determinadas épocas, um aspecto ou outro. Verifica-se, então, que, ao falar hoje em “nova evangelização”, deseja-se referir não ao conteúdo, mas à modalidade da evangelização.¹ Não se trata de um evangelho novo ou de um evangelho adaptado ao tempo, mas do mesmo evangelho proclamado em novo contexto.

Desta forma, partindo da reflexão de Forte, buscar-se-á, nas páginas seguintes, evidenciar a importância da Cristologia Trinitária para o desempenho

¹ Cf. MIRANDA, M. de F. *A Igreja que somos nós*, pp. 213ss.

de uma Nova Evangelização. Discorrer-se-á aqui tendo presente toda a reflexão sobre o Deus Trino que precedeu este capítulo, reportando a algum texto apenas quando necessário, para não ser repetitivo, mas, ao contrário, favorecer a reflexão tão necessária à Teologia em nossos tempos. Assim, este capítulo procurará contribuir para a reflexão teológica, tendo como pressuposto não apenas intuições ou desejos humanos, mas a revelação do Deus Trindade – paradigma da Igreja, que é, no mundo, o seu sacramento –, com o objetivo de que o Deus revelado em Jesus Cristo seja conhecido e experimentado por nossos contemporâneos.

Para tal, se refletirá aqui, em primeiro lugar, sobre o conteúdo da evangelização, o Mistério Trinitário revelado na pessoa de Jesus de Nazaré, tendo a clareza de que o discurso trinitário de Deus é o que há de mais central na Teologia e o verdadeiro bem que a Igreja pode oferecer ao mundo. Em segundo lugar, se verificará que fixar-se no conteúdo do Mistério Trinitário de Deus significa rever as estruturas da Igreja, que, muitas vezes, não favorecem a comunhão e, assim, não permitem que ela se apresente como sacramento da Trindade. Em terceiro lugar, se discorrerá sobre a importância da renovação espiritual da Igreja para que haja uma verdadeira reforma e, ao mesmo tempo, possa sustentá-la. Por fim, se apresentarão as implicações sociais da doutrina da Trindade, percebendo a diaconia e a caridade fraterna como consequências de um encontro pessoal com o Senhor e propostas credíveis para a Nova Evangelização.

7.1

O Mistério Trinitário como conteúdo da evangelização

Afirmar o Mistério Trinitário como conteúdo da evangelização poderia parecer algo óbvio, mas não o é, uma vez que se percebe a grande crise de fé na qual se encontram os cristãos e a própria Igreja, fazendo com que até a transcendência se apresente obscurecida.² Trata-se de uma crise profunda, de um deserto espiritual que toca o coração do Cristianismo. Hoje, a maioria dos cristãos não está somente sem referências morais e éticas para conduzir suas vidas; para eles, não falta apenas o conhecimento de uma ou outra coisa da

² KASPER, W. In *La sfida della nuova evangelizzazione*, p. 8. Neste trabalho desenvolveu-se tal questão no capítulo primeiro, tópico segundo.

doutrina, um aprofundamento sobre a doutrina social da Igreja ou sobre as diretrizes para a liturgia; mas, mais do que isso, eles não possuem o fundamento mesmo do seu ser cristão – o encontro pessoal com o Senhor. Não se trata, portanto, de uma crise em uma dimensão da fé, mas da crise da própria fé.

Neste sentido, quando se pensa em Nova Evangelização, não se pode pensar apenas naqueles que ainda não foram batizados, mas também em todos os batizados que não foram evangelizados ou não estão, por diversos motivos, vivendo com fervor sua fé. Hoje, não se tem uma clara distinção entre a necessidade do primeiro anúncio e a da evangelização dos batizados, pois, mesmo nos países já evangelizados no passado e onde a Igreja foi instalada, se verifica que numerosas pessoas não receberam o anúncio da pessoa de Jesus Cristo ou, ainda, que a mensagem do Evangelho se tornou estranha a muitos que foram batizados. Percebe-se que o conceito de evangelização não pode mais ser pensado em sentido estrito, em comunicar a fé a não cristãos, mas ele comporta também a revitalização da fé de numerosos cristãos batizados e que, por diversos motivos, se distanciaram da fé e da Igreja.³ Deve-se pensar ainda que a evangelização atual deve revitalizar a fé de numerosos cristãos que vêm às nossas celebrações dominicais sem, contudo, ter feito um encontro vital com o Senhor. Daí a razão de o Papa Francisco afirmar que a nova evangelização consiste, em primeiro lugar, em “incendiar os corações dos fiéis que frequentam regularmente a comunidade, reunindo-se no dia do Senhor, para se alimentarem da sua Palavra e do Pão de vida eterna”⁴.

Poder-se-ia perguntar sobre a forma de incendiar o coração dos não-crentes e dos crentes. Uma possibilidade de resposta é a de fazer uma evangelização no estilo ‘light’, ao ‘gosto do freguês’, inspirada nos seus desejos de satisfação – o anúncio de um Deus adequado aos interesses e às necessidades do ser humano hodierno. Percebe-se na pastoral que muitos são seduzidos por tal tentação. Observa-se tal forma de “evangelização” presente em diversas comunidades eclesiais, especialmente nas neopentecostais, com o culto da prosperidade, dos empresários, das curas e milagres etc. e, na Igreja Católica, com as missas intituladas de cura e libertação, da vitória, das Almas etc. A questão que se levanta é a identidade entre o Deus que se anuncia em tais cultos e o Deus

³ Cf. AUGUSTIN, G. *Vie per la buona riuscita della nuova evangelizzazione*, p. 193.

⁴ EG 10.

revelado por Jesus Cristo. Em tal questionamento deve-se ter presente que “uma teologia genuinamente cristã não pode ter outro objeto senão o que Jesus disse, fez, viveu e sofreu”.⁵ A teologia oferecida nos cultos não pode ser outra senão aquela baseada na vida Jesus de Nazaré ilustrada nos evangelhos. O mandato de Jesus de ir, dois em dois, aos lugares aonde Ele mesmo devia ir (cf. Lc 10,1) pode indicar que, embora o anúncio deva ser feito por cada pessoa que se encontra com Cristo, ele não pode, de forma alguma, estar desconectado da fé eclesial. O Deus professado singularmente é o Deus revelado aos discípulos, é o Deus da Igreja. O “Eu creio” está intimamente conexo ao “nós cremos”. Nenhuma revelação pessoal está acima da revelação eclesial. A fé pessoal é simultaneamente fé eclesial.⁶ A forma da evangelização está, portanto, intimamente relacionada ao seu conteúdo. Jesus Cristo é o conteúdo material e o princípio formal da revelação Trinitária de Deus. Evangelizar significa apresentar a pessoa de Cristo aos outros, favorecer um encontro subversivo com Aquele que é a graça em pessoa e que se dignou a vir ao nosso encontro. Em Cristo, “Deus se revela como o Deus por nós e conosco, o Deus amor, que livremente escolhe ‘sair de si’ e autocomunicar-se ao ser humano para estreitar com a sua criatura uma aliança de vida eterna”⁷. O discurso cristão nasce da economia, da revelação realizada na história e especificamente na história de Jesus, centrada na Páscoa. A ressurreição do Crucificado é o ponto de partida da fé e da reflexão cristã, como ressalta Forte;⁸ o mistério pascal, “o acontecimento da morte e ressurreição do Senhor é o ‘lugar’ da fé trinitária”.⁹ O anúncio do Deus cristão passa necessariamente pelo anúncio da paixão, morte e ressurreição do Senhor, conexas com toda a sua vida, suas pregações e suas posturas.

A cruz se oferece como história trinitária: e a Trindade vem como conceito da Cruz. Aquele que entrega por amor, Aquele que se entrega e o Espírito de abertura do amor trinitário aos sem Deus, Pai, Filho e Espírito Santo se oferecem na Cruz como

⁵ SCHIERSE, F. J. A Revelação Trinitária Neotestamentária In *MS II/1*, p. 81.

⁶ Para aprofundamento do assunto, sugere-se a reflexão de Libânio sobre a fé eclesial em meio à subjetividade moderna. LIBÂNIO, J. B. *Eu creio, nós cremos*.

⁷ FORTE, B. *L'eternità nel tempo*, p. 191.

⁸ Cf. FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 87. Tal reflexão baseia-se em alguns teólogos renomados como Barth, o qual afirma que “a passione di Gesù Cristo è oggetto della fede e della predicazione cristiana”. BARTH, K. *Dogmatica ecclesiale*, p. 132 [IV/1, 270-273].

⁹ FORTE, B. *La Santísima Trinidad*, p. 95.

evento do Amor eterno, história do eterno Amante, do eterno Amado e da eterna liberdade no Amor, na qual as pobres histórias dos pecadores são acolhidas.¹⁰

O que significa tomar o mistério pascal de Cristo como ponto de partida da fé e da reflexão cristã?

Em primeiro lugar, trata-se de se colocar o mistério pascal em relevo nas formas de anúncio, dentre as quais merece destaque a liturgia. Ela é o estandarte da Igreja entre as nações (cf. Is 11,12)¹¹. Ela é o lugar por excelência em que os fiéis são saciados pelos mistérios pascais e impelidos a viver em união perfeita (SC 10). Nela, a obra da salvação é anunciada e celebrada e toca em cada fiel.¹² “Da liturgia, portanto, e particularmente da eucaristia, como de uma fonte, corre sobre nós a graça e por meio dela conseguem os homens com total eficácia a santificação em Cristo e a glorificação de Deus, a que se ordenam como a seu fim todas as outras obras da Igreja”¹³. Esta deve ser evidenciada como culto trinitário – ação de graças ao Pai, em seu Filho por virtude do Espírito Santo¹⁴ – e comunitário, pois, justamente, não são ações privadas, mas da Igreja¹⁵. Para que todos possam gozar dos frutos desta união íntima ao mistério pascal, que se insere no mistério trinitário de Deus através da liturgia, é importante a promoção da participação plena, ativa e consciente de todos¹⁶. A homilia deve ter um destaque especial, pois nela Deus dialoga com o seu povo, faz arder os seus corações e os ilumina pela integridade da Revelação; deve ser bem preparada, densa de conteúdo, mas concisa nas palavras e ministrada com uma linguagem de fácil compreensão para que possa tocar no coração de cada fiel, propiciando, assim, “uma experiência intensa e feliz do Espírito, um consolador encontro com a Palavra, uma fonte constante de renovação e crescimento”¹⁷.

¹⁰ FORTE, B. *La carità, forma della Chiesa*, p. 399.

¹¹ SC 2.

¹² “Pelo batismo os homens são inseridos no mistério pascal de Cristo: com ele mortos, sepultados, e ressuscitados, recebem o espírito de adoção de filhos, ‘no qual clamam: ‘Abba, Pai’ (Rm 8,15), e se tornam assim verdadeiros adoradores que o Pai procura. Do mesmo modo, toda vez que comem a ceia do Senhor, anunciam a sua morte até que venha. Por esse motivo, no próprio dia de Pentecostes, no qual a Igreja se manifestou ao mundo, ‘os que receberam a palavra’ de Pedro ‘foram batizados’. E ‘perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comum fração do pão e na oração... louvando a Deus e sendo bem vistos por todo o povo’ (At 2,41-47)” (SC 6).

¹³ SC 10.

¹⁴ *Ibid.*, n.6.

¹⁵ *Ibid.*, n.26-27.

¹⁶ *Ibid.*, n.14.

¹⁷ PAPA FRANCISCO, *EG* 135.

Juntamente com a liturgia, a catequese é espaço primordial do anúncio do Deus Trinitário. Desde o início, ela foi considerada uma das tarefas principais da Igreja, através da qual se cumpria o mandato do Senhor de fazer discípulas todas as nações, ensinando-as a observar aquilo que Ele próprio tinha mandado (Mt 28,19ss).¹⁸ Na catequese

tem um papel fundamental o primeiro anúncio ou *querigma*, que deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial. O *querigma* é trinitário. É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai.¹⁹

Tal referência faz entender que a catequese não é uma mera exposição da doutrina cristã, mas espaço de um encontro vital com o Deus Trino que se revela na história de Jesus. Em Jesus Cristo, centro da catequese, se busca perscrutar os mistérios de Deus e conhecer a caridade de Cristo que ultrapassa qualquer conhecimento (Ef 3,19). Significa, enfim, perceber, como já havia afirmado São João Paulo II, que “a finalidade definitiva da catequese é a de fazer que alguém se ponha, não apenas em contato, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo: somente Ele pode levar ao amor do Pai no Espírito e fazer-nos participar na vida da Santíssima Trindade”.²⁰ É a partir deste amor comunicado e recebido por meio da catequese que se pode entender a catequese, também, como exposição da doutrina de Cristo. Sem tal encontro amoroso com o Senhor, sua doutrina transforma-se em normas sem sentido e tolhedoras da felicidade humana. Importante verificar a sabedoria da Igreja na elaboração do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos de Paulo VI, pois nele são propostas celebrações que unem o conhecimento intelectual ao conhecimento amoroso de Deus ofertado na Liturgia.

Tomar o mistério pascal como ponto de partida da fé significa, ainda, a promoção na Igreja de pequenos grupos em que as pessoas possam fazer a experiência de comunhão humana, fruto de uma experiência primeira de comunhão com Deus oferecida gratuitamente por Ele. Cada fiel crescerá na intimidade com as Pessoas Divinas na medida em que se abrir à vivência do amor

¹⁸ Cf. PAPA JOÃO PAULO II, *CT* 1.

¹⁹ PAPA FRANCISCO, *EG* 164.

²⁰ *Ibid.*, n. 5.

e do perdão nestes pequenos grupos. No amor concreto de uns pelos outros, poderão chegar ao conhecimento de Deus, vivenciando a comunhão com Ele.²¹

Iniciar a reflexão cristã a partir do Mistério pascal significa renovar toda a reflexão eclesial tendo como eixo norteador da reflexão a morte e ressurreição de Cristo, nas quais transparece o mistério do Deus Trindade. Muitas vezes, em manuais de teologia, de catequese e de espiritualidade, o mistério pascal e, conseqüentemente, o Mistério Trinitário tornam-se apenas um apêndice, um tema dentre tantos a serem abordados.

Neste trabalho, verificou-se, com a teologia de Forte, a importância de se desenvolver a Teologia como um todo, a partir da cristologia Trinitária. Ela deve nortear a Teologia, sejam os demais tratados teológicos, a interpretação da Sagrada Escritura e as demais reflexões de cunho pastoral. Neste sentido, Kasper recorda que a resposta à questão moderna de Deus e à situação do ateísmo moderno é o Deus de Jesus Cristo afirmando que a confissão trinitária deve ser a gramática de toda a teologia.²²

No mesmo raciocínio de Kasper, Sesbouè afirma que a verdadeira resposta que o Cristianismo pode dar ao ateísmo contemporâneo é a proclamação do mistério da Trindade. Segundo ele, a contemplação da alteridade do Deus cristão, vivenciada na relacionalidade interna das pessoas divinas que se amam mutuamente de forma gratuita, deve ser anunciada como possibilidade da vivência de novos relacionamentos humanos: “A Bíblia diz que Deus é amor. Se Deus é verdadeiramente amor no sentido mais profundo, sem alteridade alguma, significa que não faz que amar a si mesmo! Como pode Deus ser amor sem conhecer em si mesmo uma forma de alteridade? Para amar precisa haver um outro a se amar”.²³ Assim, o contributo que os cristãos podem dar ao mundo é o anúncio do Deus Trino. E este anúncio trinitário não pode ser colocado entre parênteses nem mesmo em se tratando do diálogo inter-religioso, que não existiria se fosse omitida a centralidade da fé cristã.²⁴ Este anúncio faz parte do núcleo de fé que

²¹ Tratar-se-á melhor desta temática no item 6.3 Cristologia Trinitária e experiência espiritual.

²² Nuova prefazione (2008) In KASPER, W. *Il Dio di Gesù Cristo*, XXIV.

²³ SESBOUË, B. *L'avvenire della fede*, p. 67.

²⁴ Cf. *Ibid*, p. 67.

tem seu fundamento nas palavras e na vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, as quais revelam a consciência que Ele possuía de Deus.²⁵

O anúncio do Deus comunicado em Jesus Cristo implica libertar-se da tentação de fazer da religião um “movimento de autoajuda”, em que o ser humano permanece fechado no seu “eu”; implica recusar a teologia da prosperidade, que é contraditória ao Evangelho, o qual apresenta Jesus como o Abençoado por excelência, o Filho no qual o Pai encontra o seu agrado e, ao mesmo tempo, Aquele que nasceu pobre, viveu como pobre, relacionou-se com os pobres, e morreu como pobre; significa apresentar, ao contrário, um Deus voltado para o ser humano com toda a sua história de sofrimento e disposto a sofrer com ele a fim de que não haja mais sofrimento no mundo; significa, enfim, situar aquele que fez a experiência de Deus em uma nova existência, uma existência que tem seu fundamento e configuração em Cristo, que por amor dá a vida pelos outros.

Assim, Bruno Forte faz perceber a necessidade de a Teologia estar aberta à História. Se a Teologia se desenvolve fechada às realidades econômicas, sociais e políticas e seus condicionamentos, “torna-se funcional em relação ao sistema; portanto, não será inócua, mas perigosa”. Ela deve, antes, perceber os condicionamentos históricos e ser, para o ser humano, uma ferramenta de libertação. Não se trata de pensar Deus no horizonte da história, mas, antes, pautar a história no horizonte de Deus de forma que possa já apontar o Reino vindouro. De acordo com Forte, é preciso “desideologizar a teologia”,²⁶ reelaborando-a “a partir de baixo” – o que, segundo ele, não é partir do homem para ir a Deus, mas partir do mundo de opressão vivido pelos homens, ou seja, pensar o mistério divino e o projeto de salvação a partir da realidade de fé e de esperança, mas também de dor e injustiças na qual se encontram os homens, ou ainda, como já tinha afirmado Gutierrez, elaborar uma teologia “a partir de baixo” o que “não significa partir do homem para ir a Deus... mas partir do universo de opressão e de aspiração à liberdade em que vivem os pobres, partir da fé vivida e

²⁵ Cf. SCHIERSE, F. J. A Revelação Trinitária Neotestamentária In *MS II/1*, p. 82: “Ao que tudo indica, o Jesus histórico falou muito menos de si do que de Deus; o que nele chama a atenção não é a consciência de si mesmo, mas a sua consciência de Deus. De fato, encontramos no que Jesus anunciou sobre Deus o ponto decisivo que não só fundamenta a continuidade histórica da fé cristã, mas ainda aponta o caminho mais aberto para o terreno em que se enraíza a profissão trinitária.”

²⁶ FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 53.

pensada na situação das classes exploradas, das raças desprezadas, das culturas marginalizadas”.²⁷

A palavra teológica serve como um contributo à prática e esta última, por sua vez, deve se utilizar da teoria para ser iluminada e alcançar sentido: “uma teoria teológica que não se abeberar na práxis será vazia, porque é no horizonte hermenêutico vivo da comunidade situada na história que a verdade da Palavra se manifesta e pode ser vivida concretamente. Mas uma práxis que não for orientada pela teoria será cega, sem discernimento, e, por isso, sem meta nem sentido.”²⁸ Neste sentido, ortodoxia e ortopráxis se iluminam e contribuem eficazmente para a conversão da Igreja e da sociedade. Articuladas, podem oferecer um vinho novo que provoca a admiração e o estupor.

Deste modo, a teologia de Bruno Forte muito contribui para a Teologia, pois oferece condição de não violentar o querigma, mas, ao contrário, apresentá-lo com toda a sua força subversiva que rompe o fechamento da pessoa em si mesma e faz com que ela se abra a um horizonte mais amplo – o encontro com o Deus Trindade – no qual ela perceba que a alegria da vida está não em viver mais para si mesma, mas para Ele que por nós morreu e ressuscitou, fazendo de sua vida um dom.

Sabe-se que na evangelização o que é transmitido não são palavras, doutrinas, normas, mas uma verdadeira comunicação dos dons divinos (DV 7), ou seja, a plenitude da graça a nós oferecida em Jesus Cristo. É transmitida a experiência mesma do Senhor, a possibilidade de uma experiência vital com o Deus revelado em Jesus Cristo no Espírito. A transmissão da fé não consiste, portanto, em transmissão de doutrinas ou normas; antes, significa a transmissão da possibilidade de um encontro que enche a vida de sentido e de alegria.

A urgência de experiências qualificadas, dada a ineficácia de discursos e normas em nossos dias, representa sem dúvida outro sério desafio para uma nova evangelização. Experiências fortes de cunho explicitamente religioso como em peregrinações ou em encontros monumentais de juventude podem fazer deslanchar uma caminhada para uma fé adulta e responsável. Mas também experiências sem etiquetas religiosas, mas profundamente cristãs, podem desempenhar o mesmo papel mediador da fé, como os compromissos em favor dos mais pobres, as experiências de voluntariado, as

²⁷ GUTIERREZ, G. I limiti della teologia moderna. Un texto di Bonhoeffer in *Concilium*, 1978/3, pp. 786; 789; 790.

²⁸ FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 48.

atividades assistenciais, as iniciativas de promoção humana, as vivências fortes de vida comunitária.²⁹

Redescobre-se, com efeito, a importância da experiência da caridade na Igreja, “ela é muito mais do que um mero serviço humanitário, é o lugar no qual se experimenta a salvação de Deus e manifestação do seu amor”³⁰. Faz-se mister recordar a palavra de Cristo: “Tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me” (M 25,35). Muitos santos na história da Igreja realizaram um encontro verdadeiro com Cristo presente nos excluídos; recorde-se, por exemplo, a vida de São Francisco, Tereza de Calcutá, Irmã Dulce. Há de se perceber que o Corpo do Senhor se faz presente e se deixa ser tocado não somente na Eucaristia, mas também no irmão ou irmã mais necessitada.

Todas estas experiências de diaconia poderiam ser clarificadas e motivadas num catecumenato progressivo e mistagógico, que permita um amadurecimento do encontro com Cristo. Em nosso tempo, percebe-se que, muitas vezes, se diz “Sim” a Cristo e “Não” à Igreja. Muitos, embora até escutem de boa vontade falar de Cristo, no que tange à Igreja se mostram avessos. Percebe-se a urgência de a Igreja transparecer como “sacramento de Cristo”, “lugar” de encontro com Cristo que torna a existência humana cheia de brilho e sentido. Cabe aos teólogos, e a cada cristão, questionar-se como podem contribuir para a revitalização da fé de modo que o amor de Deus se torne experimentável por cada ser humano e a Igreja transpareça verdadeiramente aquilo que é: sacramento de Cristo.

A Teologia deverá estar atenta ao horizonte da modernidade e pós-modernidade, buscando dar uma palavra própria ao tempo. Bruno Forte assim o fez, desenvolvendo uma reflexão teológica para a ideologia totalizante predominante na década de Setenta, escrevendo *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, buscando apresentar que a história não é o Absoluto, mas sim que o Absoluto é Aquele revelado na história de Cristo. E nos anos Noventa, na emergência da fragmentação e da solidão pós-moderna, com os últimos volumes da *Simbolica* e os primeiros da *Dialogica*, procurou apresentar o Deus crucificado como horizonte de esperança e sentido, ou seja, propor o Deus de amor que se fez solidário ao sofrimento humano, redimindo-o a partir de dentro.

²⁹ MIRANDA, M. de F. *A Igreja que somos nós*, pp. 225-226.

³⁰ PAPA BENTO XVI, *DCE* 19-37.

Desenvolvendo uma teologia a partir do Deus crucificado e do Silêncio de Deus, mostra-se um Deus que se tornou próximo, compartilhando a sorte dos sofredores, um companheiro de estrada no caminho dos náufragos da ideologia e da procura de sentido. Desta forma, o Ressuscitado apresenta-se como resposta à mentalidade moderna e o Crucificado, como resposta à mentalidade pós-moderna. Deve-se, pois, apresentar o Ressuscitado para o humanismo fechado para que este possa perceber o Outro, sinalizado pelo Ressuscitado, e deve-se apresentar o Crucificado aos da cultura pós-moderna, marcados pela fragmentação e solidão, para que possam apaixonar-se pelo fragmento que revelou o Todo a partir de sua proximidade para com os sofredores.³¹

A cada cristão cabe, também, o questionamento de como tornar o Evangelho conhecido. Cabe desenvolver a consciência de que a missão compete a todos na Igreja. Todo discípulo, pelo sacramento do Batismo e, especialmente, pelo da Confirmação, é um missionário do Senhor. A cada um, o Senhor dirigiu a palavra nestes termos: “Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio” (Jo 20,21). A missão tem o seu fundamento no próprio mandato de Jesus. Ele, que é o Ungido de Deus, o Cristo, convida cada um daqueles que chamou para Si a estar com Ele e os envia. Assim, todos os cristãos recebem a missão de anunciar o Evangelho do Reino não por uma delegação eclesial, mas por mandato do próprio Senhor, ungido pelo Espírito e enviado pelo Pai.

Devemos procurar e encontrar a origem da missão no desígnio e na vontade salvífica do Deus Trinitário. Deus Pai envia ao mundo o próprio Filho, que mediante a própria encarnação concretiza a missão salvífica na história, que depois é continuada pela missão da Igreja. Esta missão trinitária é um traço central da Igreja³².

Quem se encontra com Cristo é convidado a fazer a mesma experiência realizada pelos discípulos por ocasião da Páscoa: eles reconheceram o Cristo que se mostrou vivo a eles (cf. At 1,3) e responderam a esta aparição do Senhor com a atitude de fé (cf. Jo 21,7). Este encontro fez com que de fujões da Sexta-feira Santa se tornassem corajosas testemunhas do Senhor Ressuscitado, verdadeiros missionários. Assim também acontece com todo aquele que faz a experiência cristã, pois “ela transforma realmente a vida daqueles que ela atinge, muda e

³¹ FORTE, B. *Una teologia per la vita*, p. 157.

³² AUGUSTIN, G. *Vie per la buona riuscita della nuova evangelizzazione* In KASPER, W. *La sfida della nuova evangelizzazione*, p. 210.

renova a história, suscita energias imprevisíveis, confere o ímpeto e a paixão de testemunhas”.³³ No encontro com o Ressuscitado nasce e se fundamenta a missão dos discípulos que são enviados ao mundo como testemunhas (cf. Mt 28,18-20; Mc 16,15-20; Lc 24,48; Jo 20,19ss). Aquele que se encontra com Cristo recebe, através deste encontro, a motivação para ser um verdadeiro missionário no mundo, sendo um instrumento nas mãos de Deus para que mais pessoas possam fazer este encontro subversivo. “A experiência pascal, objetiva e subjetiva, unida pela força do encontro entre o Vivente e os seus, se torna transformante: desta se origina a missão, e nessa se dá impulso ao movimento, que se dilatará até aos extremos confins da terra”³⁴. Bruno Forte mostra, assim, que o Cristo, que se manifesta aos seus proporcionando uma experiência que subverte suas vidas, também os orienta, Ele mesmo, para a missão: “No encontro com o Ressuscitado nasce e se funda a missão”.³⁵ Desta forma, pode-se afirmar que a missionariedade, o empenho dos cristãos na história, é conatural à experiência cristã, brota do autêntico encontro com Cristo.³⁶ O discípulo de Jesus é simultaneamente missionário.

Embora se saiba que o nosso discurso sobre Deus é frágil – é sempre um discurso humano que não satisfaz a perfeição Daquele ao qual nos referimos –, ele é verdadeiramente uma *teologia viatorum*, como afirma Barth; foi clareado por Forte, como apresentado nos capítulos iniciais, e mostra-se necessário.³⁷ “Ai de mim, se eu não anunciar o evangelho” (1Cor 9,16). O Discurso sobre Deus é chamado, então, a ser um caminho para se chegar ao objeto da fé; um testemunho que o objeto dá de si mesmo, possibilitando estabelecer com ele uma relação. Embora se perceba a impotência humana para falar de Deus e a incapacidade de fazer de Deus objeto do nosso pensamento, por outro lado somos obrigados a reconhecer devemos fazê-lo. E tendo a tarefa de anunciar o Evangelho, a Igreja é

³³ Id., Experiência de Deus em Jesus Cristo. In *Concilium* 1995/258, p. 75.

³⁴ FORTE, B. *La Parola della fede*, p. 211.

³⁵ Id., *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 100.

³⁶ Esta mesma perspectiva de Bruno Forte pode ser vista no Documento de Aparecida, onde a missão é fundada no encontro com Cristo, de modo que não se apresenta como um peso, uma carga para o cristão, mas como um presente de Deus, uma graça concedida por Ele, que enche o fiel de felicidade: “A alegria do discípulo não é um sentimento de bem-estar egoísta, mas uma certeza que brota da fé, que serena o coração e capacita para anunciar a boa nova do amor de Deus. Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria.” (DAp 29)

³⁷ BARTH, K. *Ecclesiale Dogmatica*, 84 [III/3, 332].

chamada, com isto, a expandir-se no mundo, renovando-se pela adesão de novos irmãos à fé.³⁸ No anúncio do Evangelho se contempla a necessidade da Igreja.

A fim de comunicar o Evangelho, a Igreja necessitará rever a questão da linguagem sobre Deus. Verifica-se que para comunicar o Evangelho não basta repetir o que diz a comunidade do Novo Testamento, cuja linguagem pode ser estranha para a atualidade, mas deve-se tomá-lo por referência e saber traduzir a mensagem de Cristo nos diversos contextos; trata-se, enfim, de “traduzir novamente as categorias ontológicas” para “categorias históricas, próprias do universo bíblico e particularmente apropriadas à sensibilidade do mundo moderno”.³⁹

Bruno Forte oferece pistas para que a Igreja possa transmitir ao tempo presente o conteúdo do Evangelho e, ao mesmo tempo, convida a perceber que o sistema de opressão muitas vezes se perpetua a partir de um falso discurso religioso que “na verdade se serve de Deus e da realidade religiosa para manter os pobres acorrentados à promessa de um futuro consolador em outra vida”⁴⁰. E ainda: “O sistema de dependência e opressão é um sistema que procura manter os atuais privilégios das forças dominantes e o radical fechamento e defesa diante de tudo o que possa ser verdadeiramente novo.”⁴¹

Neste sentido, o discurso cristão de Deus deve sempre ter como pressuposto este contexto de opressão do mundo atual que gera uma sociedade dividida e, ao mesmo tempo, estar atento para que não seja uma manutenção deste sistema, mas, ao contrário, que com a “palavra da cruz e da Ressurreição” possa dar sentido para a libertação dos oprimidos deste mundo, “sublinhando, antes de mais nada, que o Deus cristão é um Deus subversivo.”⁴² É o Deus que na história do povo de Israel se mostrou do lado dos injustiçados e que assumiu, definitivamente, em Jesus Cristo, ser o Deus dos pequenos e fracos: (Lc 4,18). Com a inscrição da cruz, se expressa a proximidade de Deus com os sofredores, uma vez que apresenta Jesus como um subvertedor da ordem constituída; mas é com a ressurreição que esta proximidade é mais fortemente sentida, uma vez que é a manifestação do Pai, pelo Espírito, ao projeto libertador de Jesus, abrindo o ser humano à vivência do Reino

³⁸ Ibid., 63 [III/4, 579-582].

³⁹ FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 189.

⁴⁰ Ibid., p. 19.

⁴¹ Ibid., p. 19.

⁴² Ibid., p. 20.

de Deus. Neste sentido, o discurso teológico deverá se desenvolver na perspectiva de denúncia das injustiças presentes no mundo e, ao mesmo tempo, do anúncio de um novo mundo e de uma nova sociedade humana. Aqui, mostra-se clara a diferença entre o discurso cristão e os demais discursos elaborados segundo os horizontes histórico-políticos: o discurso cristão sempre manterá uma dupla fidelidade, ao mundo presente e ao mundo que virá, já manifesto na Ressurreição de Jesus Cristo, e, desta forma, poderá contribuir original e criativamente para a libertação do ser humano e a construção de um mundo novo.

O anúncio do Deus cristão, a proclamação de um Deus que não é um mero espectador do sofrimento humano, mas que o assume e o vive, de maneira intensa e sem limites, através da cruz de Jesus. O Deus crucificado, deste modo, é Aquele que não apenas convida o ser humano a suportar seus sofrimentos, mas a abraçá-los em solidariedade com todos os sofredores do mundo. O Deus crucificado revela o amor infinito das pessoas divinas pelo ser humano, revela o Deus Trinitário. Desta forma, entende-se que “a fé no Deus Uno em Três pessoas não é algo a mais ou uma complicação do cristianismo, mas o seu centro e o seu coração, porque traduz a certeza de que Deus é Amor, em si mesmo e em relação a nós: esta é a boa notícia, o Evangelho da vida e da esperança que os cristãos devem anunciar ao mundo”.⁴³

7.2

Cristologia Trinitária e conversão pastoral da Igreja

O recente documento do CELAM, chamado de Documento de Aparecida, ao tratar da questão do discipulado e da missão, apontou a necessidade da conversão pastoral da Igreja e convocou os cristãos a assumirem tal atitude, que, como afirma o mesmo documento, deve ser permanente⁴⁴. Tal conversão deve ser assumida por todas as comunidades e por cada um dos cristãos, sejam eles bispos, presbíteros, diáconos, consagrados/consagradas ou leigos/leigas. Todos devem se sentir responsáveis por esta tarefa e assumi-la com todas as forças. E o

⁴³ FORTE, B. *La Parola della Fede*, p. 105. E ainda: “A Trindade é, por isso, a esperança da Igreja, a sua boa nova que deve ser anunciada a todo homem, o evangelho da esperança para o mundo.” FORTE, B. *A Trindade como história*, p. 56.

⁴⁴ DAp 365-372.

documento especifica que a conversão pastoral constitui-se nos “processos constantes de renovação missionária e de abandonar estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé”⁴⁵. Aqui se discorrerá, em primeiro lugar, sobre a necessária mudança das estruturas, o que se chamará de reformas, para, mais à frente, no tópico subsequente, se discorrer sobre a renovação.

Quando, neste trabalho, se fala de reforma, não se tem por objetivo promover mais divisões no interior da Igreja, que já sofre as dificuldades de evangelizar por conta de tantas divisões históricas e hoje percebe a necessidade do ecumenismo.⁴⁶ Nem ainda fazer uma Igreja segundo as conveniências do tempo, uma Igreja que agrade a todos, pois ao fazê-lo trairia a mensagem do seu próprio fundador.⁴⁷ Não se trata de perguntar “qual a Igreja que queremos”, mas “qual a Igreja que Deus quer”, pois, desta forma, a Igreja sendo sacramento da Trindade, se atualiza no tempo e, ao mesmo tempo, cresce na sua fidelidade ao Deus que a congregou.

A necessária e urgente reforma na Igreja deve permitir que, de fato, suas estruturas contribuam para o anúncio do Evangelho no tempo presente. Em outras palavras, “todas as estruturas e reformas estruturais devem ser guiadas por esta pergunta: ‘Como podemos tornar a Igreja permeável à mensagem de Jesus Cristo?’”⁴⁸ O que se pretende não é a fundação de uma nova Igreja, mas fazer com que a mesma Igreja fundada por Cristo possa, no tempo atual, ser sacramento da salvação de Deus, ou seja, ser a instituição que Deus quis que ela fosse: sinal e instrumento de salvação para a humanidade. A Igreja em “sua identidade teológica deve transparecer em sua realidade fenomenológica. Caso contrário, ela não mais será pertinente e significativa para seus contemporâneos, nem conseguirá realizar sua missão de evangelizar por sua proclamação e por seu testemunho.”⁴⁹ Em cada momento histórico, a Igreja necessitará rever e mudar suas estruturas para cumprir o mandato do Senhor de evangelizar, como se verifica ao longo da história eclesial.⁵⁰

⁴⁵ DAp 365.

⁴⁶ “Esta divisão, porém, contradiz abertamente a vontade de Cristo, e é escândalo para o mundo como também prejudica a santíssima causa da pregação do Evangelho a toda a criatura” (UR 1). “Hoje, em muitas partes do mundo, mediante o sopro da graça do Espírito Santo, empreendem-se, pela oração, pela palavra e pela ação, muitas tentativas de aproximação daquela plenitude de unidade que Jesus Cristo quis. Este Sagrado Concílio, portanto, exorta todos os fiéis a que, reconhecendo os sinais dos tempos, solicitamente participem do movimento ecumênico” UR 4.

⁴⁷ Cf. KASPER, W. *La sfida della nuova evangelizzazione*.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 9.

⁴⁹ MIRANDA, M. de F. *A Igreja que somos nós*, p. 6.

⁵⁰ *Ibid.*, pp. 137-141.

Para tal revisão e mudança, necessitará discernir aquilo que na Igreja é imutável e faz parte de sua constituição daquilo que é provisório, erigido segundo as necessidades de cada tempo. “Identificar as modalidades de configuração com os componentes teológicos seria absolutizar o relativo, eternizar o histórico, fixar o provisório, impedir novas configurações eclesiais”.⁵¹ A reforma – a mudança nas estruturas – é necessária para que a Igreja continue sendo a mesma ao longo da história e, desta forma, é imprescindível para a sua missão. Cabe à Igreja – a toda ela, na diversidade de seus membros, e a cada um, segundo a sua vocação – procurar se atualizar no tempo para que possa sempre anunciar o Evangelho de Cristo.

Para que tal reforma venha a acontecer no sentido legítimo em que se está tratando, a Igreja necessitará redescobrir a beleza da missão, encarando-a não apenas como um apêndice, um algo a mais a ser feito com fim proselitista, mas como aquilo que, de fato, a constitui: “A Igreja durante a sua peregrinação sobre a terra é por sua natureza missionária”.⁵² Quando a Igreja redescobre sua natureza exodal, ela se centra no seu fundamento e percebe o que, ao longo da história, pode mudar para que ela cumpra, em todos os tempos, sua missão evangelizadora. Assim se compreende porque na *Evangelii Gaudium* o capítulo destinado às perspectivas de reformas tem como título “uma Igreja em saída”. Trata-se da constatação de uma urgente e complexa reforma na Igreja no que diz respeito à sua estrutura e à sua atuação no mundo em vista da evangelização.

Este reformar-se para a missão foi assumido especialmente no Concílio Ecumênico Vaticano II. Este “foi o despertar de uma igreja que não repudiou nem renegou a sua tradição, mas permaneceu fiel a ela, que, porém, rompeu incrustações e, desse modo, procurou tornar a tradição nova, viva e fecunda para o caminho rumo ao futuro”.⁵³ Para que “o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz”⁵⁴, a Igreja realizou o Concílio, iniciando um caminho de reforma longo e complexo. Para tal reforma, apresentou a necessária fundamentação trinitária da Igreja. A eclesiologia conciliar apresenta a Igreja como sacramento, sinal e instrumento da comunhão com Deus e da

⁵¹ Ibid., p. 137.

⁵² AG 2. Papa Paulo VI afirmará de forma magistral: “a Igreja existe para evangelizar”(EN 14).

⁵³ KASPER, W. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*, p. 33.

⁵⁴ PAPA JOÃO XXIII, Discurso na abertura solene do Concílio em 11 de Outubro de 1962, In *Documentos do Concílio Vaticano II*, p. 26.

unidade entre todo o gênero humano, povo eleito pelo Pai, que se abriu ao dom da fé em Cristo e predestinado a ser conforme a imagem do Filho, convocado na efusão do Espírito Santo; e recorda que a Igreja, comunidade dos discípulos de Cristo, “é formada por homens, que, reunidos em Cristo e guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda ao Reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos”⁵⁵. Toda esta configuração trinitária da Igreja, que aparece de modo especial nos documentos sobre a natureza da Igreja⁵⁶ e sobre a missão da Igreja no mundo⁵⁷, também está presente em todos os documentos. No Concílio, a Igreja se entende como povo congregado na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo⁵⁸. Tal unidade da Igreja é promovida por meio do Espírito Santo, que não é apenas a fonte da multiplicidade, mas também da comunhão. O Vaticano II representa uma mudança radical, uma descontinuidade com uma estrutura institucional em contínua decadência e uma continuidade da Tradição, ao recuperar a participação ativa de cada fiel na fé e na missão eclesial. De fato, pela primeira vez na história da Igreja, um Concílio trata do leigo/a na Igreja, indagando por sua identidade e por sua ação⁵⁹, e, ao colocar a temática da hierarquia depois dos capítulos sobre o Mistério da Igreja e o Povo de Deus, o Vaticano II estabelece a fundamental igualdade, dignidade e vocação de todos os membros da Igreja⁶⁰.

Forte, partindo do pressuposto de que o Tratado Trinitário deve iluminar todos os demais, mergulhado na eclesiologia conciliar, apresenta a Igreja como ícone da Trindade.⁶¹ Oriunda da Trindade, através das missões do Filho e do Espírito, e destinada à Trindade, a Igreja, em sua peregrinação no tempo, é chamada a estruturar-se à imagem da Trindade, una na diversidade e vivendo uma comunhão articulada na recíproca inabitação de dons, de serviços e de Igrejas. Se “todo discurso eclesiológico deve estar inserido e subordinado ao discurso sobre Deus”⁶², verifica-se, na teologia trinitária de Forte, a importância, a subordinação

⁵⁵ GS 1.

⁵⁶ LG.

⁵⁷ GS.

⁵⁸ LG 4.

⁵⁹ MIRANDA, M. de F. *A Igreja que somos nós*, p.117.

⁶⁰ Cf. LG 30.

⁶¹ Sobretudo em suas obras *La Chiesa della Trinità* e *La Chiesa icona della Trinità*.

⁶² RATZINGER, J. *L’eclesiologia della Costituzione Lumen Gentium* In FISICHELLA, R. (ed.), *Il Concilio Vaticano II*, p. 67.

e a conformação da Igreja ao mistério trinitário, assumindo-o como sua origem, seu destino e sua habitação.

A Igreja, como ícone da Trindade, necessitará apresentar-se na história como sinal da comunhão Trinitária, através de estrutura que favoreça a comunhão e participação de todos os fiéis. O Novo Código de Direito Canônico, que se propõe a aplicar a teologia conciliar nas estruturas e organização da Igreja, contemplou uma maior participação através da criação de órgãos representativos, como o Conselho Paroquial, o Conselho Presbiteral, o Conselho Pastoral Diocesano, o Sínodo Diocesano, o Sínodo dos Bispos; porém há de se reconhecer que “as conquistas conciliares só foram parcialmente recebidas na legislação da Igreja ou, quando recebidas, nem sempre conservaram integralmente seu valor” e temas como a colegialidade episcopal não receberam uma configuração suficiente ou mesmo certos temas foram propriamente abandonados, como o direito e o dever que os leigos têm de exercer seus carismas.⁶³ A nova legislação canônica não conseguiu dar conta da nova configuração eclesial sugerida nas reflexões conciliares. E se faz mister recordar que “não pode haver uma Igreja de comunhão e de participação se não existem estruturas de comunhão e de participação”⁶⁴.

Neste sentido, se deve trabalhar para que possam surgir na Igreja estruturas que motivem e garantam a participação de todos, estruturas que saibam reconhecer e promover em cada um dos batizados a “participação na missão do Cristo sacerdote, profeta e rei”⁶⁵. Cada cristão deve ser um sujeito eclesial, deve participar ativamente da missão de Cristo, e tal participação não é uma “concessão” por motivo da insuficiência do clero, ou mesmo por delegação eclesiástica, mas, antes, é inerente à sua condição batismal, na qual todos têm a mesma dignidade de filhos de Deus e a mesma missão de difusão do Reino de Deus⁶⁶. Todo cristão é sujeito eclesial ativo, não funcionalmente, mas constitutivamente.⁶⁷ A cada um dos batizados compete, em virtude do seu próprio batismo, participar ativamente da construção do Reino de Deus, do qual a Igreja

⁶³ Cf. MIRANDA, M. de F. *A Igreja que somos nós*, p. 33.

⁶⁴ *Ibid*, p. 35.

⁶⁵ Cf. Oração da unção pós-batismal do Ritual de batismo do rito latino. Ver, ainda, *LG* 34-36.

⁶⁶ Cf. *LG* 9.

⁶⁷ Cf. DIANICH, S; NOCETI, S. *Trattato sulla Chiesa*, p. 410.

deve ser germe e início⁶⁸, ou seja, cada batizado deve se sentir responsável, adulto, para contribuir eficazmente para a Igreja e para o mundo. Verifica-se, destarte, a necessidade da supressão de “estruturas ultrapassadas” que inviabilizam tal participação e, ao mesmo tempo, a necessária mudança de mentalidade, especialmente da parte do clero.⁶⁹

A necessidade da conversão pastoral não subtrai a concepção da Igreja como Santa, mas propicia a íntima conexão da santidade da Igreja com Aquele que é Santo e fonte de toda santidade⁷⁰. A Igreja santa é *semper reformanda*, é sempre necessitada da misericórdia de Deus que a santifica, tornando-a sem ruga e sem mancha. Ela é a “*casta meretrix*”, conforme afirmavam os Padres, manifestando-lhe a assistência perene do Espírito Santo⁷¹. Conversão pastoral não é um jargão do momento atual da Igreja, mas a tomada de consciência de que “a Igreja é continuamente empenhada a corresponder à graça, em um esforço de constante renovação e purificação.”⁷² Para corresponder à graça de sua natureza e missão, a Igreja necessita estar em contínuo estado de conversão e de reforma.

No presente tempo cabe à Igreja uma Nova Evangelização, que é a apresentação alegre de Cristo como “Boa Nova de valor eterno” (Ap 14, 6), como “o mesmo, ontem, hoje e pelos séculos” (Hb 13, 8) e que, ao mesmo tempo, é de riqueza e beleza inesgotável, a novidade que nunca envelhece⁷³.

Com a nova evangelização se pretende “iluminar e organizar toda a pastoral da Igreja”⁷⁴ em vista da missão, de forma a se ter claro que “a missionariedade não é uma coisa exteriormente acrescentada à fé, mas o dinamismo da mesma fé. “A cada discípulo de Cristo incumbe o dever de difundir por toda parte a sua fé”⁷⁵. Quem viu Jesus, quem o encontrou, deve ir aos amigos e dizer: ‘Nós o encontramos, é Jesus, o Crucificado por nós’.”⁷⁶ Isto significa entender que todo aquele que se encontrou com Cristo, que se tornou discípulo dele, é também

⁶⁸ LG 5.

⁶⁹ DAp 365; 213.

⁷⁰ Cf. Epíclese da Oração Eucarística II.

⁷¹ Cf. S. AMBROSIO. *Luc.* 3,23: PL 15, 1598.

⁷² FORTE, B. *La Chiesa della Trinità*, p. 37.

⁷³ Cf. PAPA FRANCISCO. *EG* 10-11.

⁷⁴ KOCH, K. *Missione o di-missione della chiesa?*, p. 50.

⁷⁵ LG 17.

⁷⁶ PAPA BENTO XVI., ‘Lectio Divina’ com os seminaristas na *Capela do Seminário, Sexta-feira, 12 de Fevereiro de 2010.* In http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2010/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20100212_seminario-romano-mag_po.html.

missionário, é dotado de uma graça especial para favorecer novos encontros com o Senhor: “cada batizado recebe uma consagração em vista de uma missão na Igreja e no mundo”⁷⁷. Cada um, de acordo com o carisma recebido, deve colaborar com os demais para a evangelização da comunidade e da história, cada um assumindo a sua responsabilidade de fazer a mediação entre salvação e história a partir do seu carisma e ministério específico.⁷⁸ “A missão, assim, não é obra de navegadores solitários, mas vai vivida na ‘barca de Pedro’, que é a Igreja Católica em todas as suas expressões, e por isso em comunhão de vida e de ação com todos os irmãos, cada um segundo o dom recebido.”⁷⁹ Portanto, compete à Igreja, em vista da nova evangelização, erigir uma estrutura eclesial de comunhão e participação que suscite e promova o empenho de todos na evangelização.

Os documentos do Concílio Vaticano II, mas também o de Aparecida e o *Evangelii Gaudium*, apresentam diversas propostas para uma reforma da Igreja em vista da Evangelização. Ressaltam-se algumas.

A primeira é o catecumenato. Trata-se do lugar da iniciação cristã, onde a pessoa ouve a boa nova de Cristo, se encanta pelo Evangelho, realiza um encontro vital com o Senhor e decide segui-lo. É destinado àqueles que nunca ouviram falar de Cristo, àqueles que procuram completar sua iniciação cristã com a recepção destes sacramentos e, ainda, àqueles que, tendo recebido os sacramentos, são desejosos de receber uma sólida catequese. O catecumenato é o “ventre” da Igreja, o lugar da gestação de novos discípulos-missionários no qual se faz uma forte experiência com a Trindade Santa e se é iniciado na oração, nos sacramentos, na doutrina, na moral e na caridade. Com a nova evangelização, na qual a Igreja é chamada a sair de si e ir especialmente às periferias existenciais, o catecumenato será o lugar privilegiado de acolhimento de pessoas com personalidades diferentes, mentalidades diferentes, culturas diferentes, idades diferentes, histórias de vida humana e religiosa diferentes. É interessante notar que no Documento de Aparecida se fala de um itinerário da fé na vida de cada pessoa⁸⁰. É certo que este itinerário se refere a todo o caminho cristão da pessoa, desde a sua iniciação até o momento derradeiro em que se encontra face a face com Cristo; porém, na fase inicial, deve-se observar de forma carinhosa tal

⁷⁷ FORTE, B. *La Chiesa della Trinità*, p. 294.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 344.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 329.

⁸⁰ DAp 281.

peregrinação na fé. Neste sentido, caberá um acompanhamento personalizado de cada irmão/irmã a fim de que possa ser iniciado na fé e se tornar um cristão adulto na fé.

É interessante a Igreja ressaltar, nos documentos supracitados, a figura de um “introdutor”, alguém que acompanhe este novo irmão na sua trajetória inicial de fé que compreende todo o catecumenato, de forma especial o período inicial chamado de evangelização ou pré-catecumenato. Este “introdutor” fará com que o candidato se sinta acolhido e amado no seio da comunidade, além de acompanhá-lo devidamente na sua trajetória de iniciação. Assim como a vida biológica, a vida cristã necessita de um acompanhamento singular em sua fase inicial até o momento em que se alcance a maturidade cristã.

A segunda proposta é uma formação permanente que, respeitando os ritmos de cada pessoa e de sua trajetória de fé, possa lhe favorecer um crescimento gradativo no discipulado e na missionariedade. Tendo-se contemplado a etapa de iniciação, faz-se mister pensar também na etapa posterior na qual a pessoa é formada em vista de atuar, na Igreja e no mundo, como discípula missionária. Trata-se de uma capacitação para bispos, presbíteros, diáconos, consagrados/consagradas, leigos/leigas, realizada de tal modo que estes possam acompanhar, espiritual e pastoralmente, a outros⁸¹. Aqui é preciso lembrar que a formação não pode ser oferecida com vista apenas a uma atuação no interior da Igreja, mas de forma especial no mundo, sendo fermento na massa (cf. Mt 13,33):

É urgente uma formação específica para que os leigos e leigas possam ter incidência significativa nos diferentes campos, sobretudo no vasto mundo da política, da realidade social e da economia, como também da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos meios de comunicação e de outras realidades abertas à evangelização. (DAp 283)

Esta séria e necessária formação deve ser pensada e organizada em cada diocese e ter a aprovação do Bispo. Tal projeto deverá contar com o apoio das diversas forças presentes na diocese, sejam as comunidades de base, os movimentos, os serviços, as associações ou as comunidades religiosas e pastorais, de modo a tudo confluir numa pastoral de conjunto (cf. DAp 281). Além disso, deverá haver “equipes de formação convenientemente preparadas que assegurem a eficácia do próprio processo e que acompanhem as pessoas com pedagogias

⁸¹ Ibid., 282

dinâmicas, ativas e abertas” (DAp 281). Destas equipes deveriam participar as diversas pessoas que aprimoraram sua fé nos diversos cursos de Teologia. Como se multiplicaram os cursos de Teologia, há diversas pessoas capacitadas para contribuir solidamente na formação de outros irmãos e irmãs e que, muitas vezes, não são devidamente aproveitadas. De tal formação poderia se obter um laicato adulto “capaz de atuar como verdadeiro sujeito eclesial e competente interlocutor entre a Igreja e a sociedade, entre a sociedade e a Igreja” (DAp 497a) e, ao mesmo tempo, ministros ordenados e religiosos com maior maturidade eclesial. Uma atenção especial é dada pelo Papa Francisco à homilia. Esta, muitas vezes, é a única formação permanente da qual o cristão participa e, por isso, com maior razão, precisa ser bem preparada e proferida para que possa propiciar uma sólida formação ao fiel (EG, n.135-144).

De uma sólida formação gradativa nascem ministérios e serviços, vividos no interior da comunidade eclesial e no mundo, que podem contribuir para a edificação da Igreja e a construção do Reinado de Deus. Tais ministérios e serviços são dons de Deus oferecidos para o bem da comunidade cristã, motivados e discernidos pela pessoa e pela comunidade cristã, e vividos com certa estabilidade. Cada diocese, neste sentido, precisaria motivar mais tais ministérios e serviços, seja para o interior da comunidade, seja para o exterior, acompanhando, séria, individual e coletivamente, aquelas pessoas que os assumem, para que tenham o auxílio espiritual necessário para o exercício frutífero do respectivo ministério ou serviço. Destacam-se de forma especial os que possuem o ministério sacerdotal na Igreja, bispos e presbíteros, que devem viver sua paternidade de forma adequada, ajudando a discernir os diversos carismas e a promover os diversos ministérios, sendo suportes na fé para o crescimento dos irmãos.⁸² Os seminários deverão não somente estar atentos se o candidato vive o celibato e não possibilitará escândalos, mas, sobretudo, colaborar para a devida formação humana e maturidade do candidato, a fim de que ele possa cumprir sua paternidade de forma apropriada.

⁸² Neste sentido, pode-se verificar a contribuição de Pikaza: “Afirmar a “paternidade” daqueles que tem uma missão especial na Igreja, aquela de estar na direção – episcopos e presbíteros – não significa afirmar que os demais fiéis sejam imaturos, menores de idade e que necessitem ser mandados e guiados a partir “de cima”. A paternidade dos ministros consiste em viver como animadores, companheiros e irmãos mais velhos na fé, que ajudam outros irmãos a crescer ainda mais no discipulado e na missão, escutando a Palavra de Deus e respondendo a ele, na liberdade, com uma prática de vida, sendo senhores de si mesmo”. Cf. XABIER PIKAZA, O. de M. *Trinidad y Comunidad cristiana*, p. 235.

Uma terceira proposta na reforma da estrutura se refere à dimensão missionária. Trata-se de forma especial do movimento de “saída” no qual a Igreja deve se mover, como indica o Papa Francisco. Trata-se de, com base na Sagrada Escritura, assumir o desafio de sair da comodidade e ir ao encontro de todas as periferias que necessitam da luz do Evangelho⁸³. Indo às periferias, a Igreja encontra-se com o rosto de diversas pessoas marginalizadas na sociedade e também na Igreja. São pessoas ajuntadas, mães solteiras, gente abaixo da linha da pobreza, casais de 2^a, 3^a ou 4^a união, homossexuais, pessoas violentadas, viciados, dentre tantos outros grupos. Caberá a ela comunicar a estes um Deus que os ama e que os acolhe, seja qual for a situação em que se encontram. Tal anúncio deverá ser acompanhado com gestos e atitudes que possam confirmar as palavras. “O futuro da Igreja será plasmado, também desta vez, como sempre, dos santos”.⁸⁴ Muitos discursos desacompanhados de atitudes servem para afastar ainda mais as pessoas de Cristo e da Igreja. Uma pastoral voltada para a missão transformará também o modo de acolher as pessoas. Aqueles que vêm em busca de uma espiritualidade mais sólida, dos sacramentos ou ainda de atuar mais de perto em algum grupo ou pastoral serão acolhidos como irmãos para os quais o Senhor olhou e convidou para o seu seguimento e que, assim, devem ser acolhidos com todo amor: “Acolhei-vos uns aos outros como Cristo vos acolheu” (Rm 15,7). Uma igreja onde os bancos, os sacramentos, os serviços e as pastorais têm “donos” não parece ser a Igreja de Jesus. Caberá o acolhimento àqueles que, em nossa época, são marcados por história de sofrimentos e, muitas vezes, estão à margem da cidadania eclesial, como os recasados, os homossexuais, os pobres etc. Sem um real acolhimento, a ponto de dar uma verdadeira cidadania a estas pessoas, a Igreja não conseguirá evangelizar, por mais que desenvolva sua retórica.

Uma quarta proposta é a verdadeira abolição de uma Igreja piramidal em suas estruturas e a vivência de uma Igreja circular, de comunhão, tendo a Trindade como exemplo. O modelo piramidal não corresponde à sacramentalidade comunitária da Igreja e nem favorece a evangelização, haja vista que a sociedade atual supervaloriza a autonomia do sujeito. O documento de Aparecida citou alguns lugares eclesiais para a comunhão, a saber: a diocese, a paróquia, as

⁸³ PAPA FRANCISCO, *EG* 20.

⁸⁴ RATZINGER, J. *Fede e futuro*, p. 113.

comunidades eclesiais de base e as pequenas comunidades e as conferências episcopais.⁸⁵ O cristão deve procurar configurar-se à Trindade Santa, uma vez que é chamado a ser imagem e semelhança de Deus.⁸⁶ Com isto, deve-se fazer o possível para que todas as estruturas possam se configurar a partir do modelo de comunhão trinitário. A estrutura familiar em crise, assim como todas as instituições, é chamada a renovar-se a partir de sua configuração à Trindade. Na família se deverá proporcionar a escuta e o diálogo como chave para a comunhão. Nela se aprende a receber e dar afetos, a respeitar o outro que lhe é diverso e a crescer com as diferenças. A família, enfim, é a escola por excelência da vivência comunal; é a célula da sociedade.

As estruturas institucionalizadas a partir das intuições do Concílio Vaticano II deveriam ser aprimoradas como espaço em que todos são conduzidos pelo Espírito e tomam, em conjunto, decisões para o bem da comunidade cristã. Em nível de Paróquia, Conselho Pastoral e o Conselho Econômico, constituídos por padres, leigos e religiosos existentes, deverão ser formados por pessoas adultas na fé, que possuem uma visão de conjunto e que sejam comprometidas com a unidade eclesial. Os leigos não podem esperar “que os seus pastores sejam sempre peritos a tal ponto que, a cada novo problema que surge, também aqueles graves, esses possam ter pronta uma solução concreta, ou que isso lhes seja próprio como missão”⁸⁷ e não devem ser somente “executores passivos das decisões do magistério”, mas também “colaboradores preciosos dos pastores na sua formulação, graças à experiência adquirida em seu campo e às próprias específicas competências”⁸⁸.

Também nas paróquias nas quais existe mais de um padre, deveria ser superada a relação Pároco-Vigário na qual, na maioria das vezes, o segundo é visto e tratado como um “aprendiz” ou “executor” de ordens, para ser vivida uma verdadeira equipe pastoral na qual os padres mais antigos e os mais jovens trocam experiências vividas por ambos e as iluminam com seus estudos e oração, a fim de traçarem um melhor planejamento para sua comunidade. Para tal, poderia ser

⁸⁵ DAp 164-183.

⁸⁶ Sobre este chamado a ser imagem e semelhança de Deus, conferir em MESTERS, C. *Paraíso terrestre*.

⁸⁷ GS 43.

⁸⁸ PAPA BENTO XVI, *Discurso no 50º aniversário da encíclica Mater e Magistra* (16 de Maio de 2011).

www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2011/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20110516_justpeace_it.html

mais incentivado e aprimorado o que o Direito chama de párocos “in solidum”.⁸⁹ Em nível Diocesano, o Bispo será o pastor que governa não como um monarca absoluto, mas em espírito de diálogo e comunhão, à imagem da Trindade. Para tal, valorizará as instâncias diversas, como o Conselho Presbiteral, o Conselho Pastoral Diocesano e o Sínodo Diocesano. Em nível da grande Igreja, o Bispo de Roma, sucessor do Apóstolo Pedro, e que possui em seu ministério a missão de pastorear a Igreja Católica, em unidade com todos os bispos, se utilizará de todos os meios para exercer seu serviço. Para tal, contará com o auxílio direto da Cúria e dos Cardeais, mas, sobretudo, será unido aos seus irmãos bispos no governo da Igreja, realizando este governo de forma colegiada, especialmente através dos Sínodos e das Conferências, que deverão ser dotados de maior autonomia na comunhão. O exercício da colegialidade dos bispos, mediante os sínodos e as conferências episcopais, deve ser considerado como suprema autoridade, própria ao colégio episcopal. Atualmente, as conferências não possuem o direito de decidir de forma colegial normas para as dioceses, a não ser em casos em que haja um especial mandato da Sé apostólica. Com isto, verifica-se que se a conferência pode obrigar somente nas questões unânimes, não se trata de colegialidade, mas de uma decisão singular de cada bispo como autoridade em sua diocese.⁹⁰ O Concílio Ecumênico, por sua vez, deve se prestar não para um recolhimento de sugestões ao Papa em relação ao governo da Igreja, mas para testemunhar e dar voz às Igrejas espalhadas em todo o mundo na mesma fé de Pedro: “enquanto composto de muitos, exprime a variedade e a universalidade do povo de Deus, enquanto é reunido sob uma só cabeça, significa a unidade do rebanho de Cristo” (LG 22). Percebe-se, ainda, a carência da colegialidade nas leis eclesiais que reservam ao Papa a nomeação de bispos enquanto o Concílio afirma que é próprio dos bispos “admitir no corpo episcopal, novos eleitos, pelo sacramento da ordem” (LG 21). Se tal missão lhes é própria, compete, por excelência, a eles as decisões em relação às nomeações. E isto mostra que, na prática, os bispos aparecem, de fato, como executores de ordem do Papa, tendo no Papa a fonte do poder de sua jurisdição.⁹¹ Necessita-se, neste sentido, revalorizar na Igreja o Tratado da Trindade como centro e modelo da vida eclesial e configurar a Igreja segundo o

⁸⁹ CODIGO DE DIREITO CANÔNICO, Cãnon 517 In http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf

⁹⁰ Cf DIANICH, S. *La Chiesa Cattolica verso la sua riforma*, p. 122.

⁹¹ *Ibid.*, pp. 135-136.

modelo comunial, fazendo com que a sinodalidade, o modelo de participação e de comunhão, articulada em diversos níveis seja a sua característica fundamental.⁹²

Na estrutura social o cristão deverá procurar ter um relacionamento sadio para com todos. Observar-se-á a presença do pecado original, que, com força, muitas vezes, destrói os relacionamentos e suscita o isolamento e o individualismo. O cristão, no entanto, procurará ser uma presença de perdão, integração, aceitação do diferente, uma vez que é nutrido pelo sacramento da comunhão que o revigora. Deverá favorecer a estrutura democrática em todos os níveis possíveis da sociedade, onde todos poderão se expressar, colocando em comum os talentos recebidos para o bem comum. Há de se perceber que, muitas vezes, a Igreja, na administração dos bens temporais, não age na comunhão trinitária. Deseja-se aqui referir, sobretudo, às instituições de ensino, entre as quais faculdades e, ainda, departamentos de teologia, que são estruturados num modelo piramidal no qual as partes envolvidas não são atendidas nem mesmo ouvidas; e, também, a diversos funcionários (das paróquias, capelanias, irmandades, colégios católicos e outras instituições eclesíásticas) que são desassegurados de seus direitos, remunerados com baixo salário e, ainda, tratados com falta de respeito por eclesíásticos. Há de se recordar que o primado da caridade e do serviço deve nortear toda a vida da Igreja e que o poder deve ser exercido como serviço de amor: “O primado da caridade se exprime na condução da comunidade, inspirando uma novidade de relações tais que quem é grande se faz servo e quem é o primeiro, último. De tal modo, o exercício da autoridade está só na urgência da missão: servindo no amor à comunidade, o apóstolo torna visível nessa a cidade santa”.⁹³

Certifica-se que a missão “consiste não só em levar aos homens a mensagem e a graça de Cristo, mas também em penetrar e actuar com o espírito do Evangelho as realidades temporais”⁹⁴ A forma de se relacionar na sociedade, a evangelização da cultura deve ser a perspectiva da evangelização. É necessário influenciar os diversos âmbitos sociais – especialmente as instituições eclesíásticas – no que diz respeito à justiça, à fraternidade e à caridade⁹⁵. E isto se faz através de pessoas evangelizadas que procuram estar presentes nestes diversos

⁹² Ibid., pp. 134, 181.

⁹³ FORTE, B. *La Chiesa della Trinità*, p. 151.

⁹⁴ AA 5.

⁹⁵ Cf. AA 7.

âmbitos sociais.⁹⁶ Tal missão é de todos na Igreja numa dinâmica de complementaridade, pois se existe uma diversidade ministerial, há, contudo, uma unidade na missão⁹⁷

Portanto, uma reforma de estrutura significará rever as instituições, sejam elas micro ou macro, a fim de que toda a Igreja possa ser um verdadeiro sacramento de Deus. A Igreja deve mostrar-se como ícone da Trindade, valorizando e promovendo os diversos níveis de vivência de comunhão. Neste sentido, em vista da difusão da fé, tarefa que compete a todos, caberá uma verdadeira reforma de estruturas que permita a participação de todos na organização desta missão e não apenas na execução de tarefas. Todos, unidos a Cristo pelo batismo no tríplice *múnus*, deverão tomar parte de sua tarefa na Igreja e no mundo. Se há uma *sacra potestas* em relação aos pastores diante dos outros fiéis, há também uma *sacra potestas* em relação aos fiéis diante da humanidade, por meio do seu batismo, em vista da missão.⁹⁸ Se o Concílio Vaticano II recuperou a dignidade de todos pelo batismo, cabe, em vista de uma nova evangelização, rever as estruturas da Igreja a fim de que uma Igreja, toda ela carismática-ministerial, possa oferecer ao mundo a beleza do evangelho trinitário.

7.3

Cristologia Trinitária e experiência espiritual

Como foi apresentado nas páginas precedentes, verifica-se necessária a reforma das estruturas da Igreja Católica, baseando-se na teologia trinitária, em vista da nova evangelização. Somente reformando-se no tempo, a Igreja terá condições de cumprir sua missão sacramental. Tal reforma de estruturas necessita, por sua vez, de uma espiritualidade que a sustente; uma espiritualidade que, fundamentando-se na Trindade Santa, promova uma Igreja de comunhão e

⁹⁶ Dianich mostra que a expressão evangelização da cultura – como no caso do documento preparatório do Sínodo de 2012 – *Instrumentum laboris* – o qual afirma que a “nova evangelização significa a promoção de uma cultura mais profundamente radicada no evangelho” –, deve ser endereçada às pessoas concretas, “de carne e osso”. Somente assim se poderia alcançar a “evangelização da cultura”. Cf. DIANICH, S. *La Chiesa Cattolica verso la sua riforma*, pp. 24-25.

⁹⁷ Cf. LG 32, AA 25, AA 2.

⁹⁸ Cf. DIANICH, S. La missione della chiesa e la “*sacra potestas*” In GRUPPO ITALIANO DOCENTI DI DIRITTO CANONICO. *I laici nella ministerialità della chiesa*.

participação. Tal espiritualidade foi chamada por João Paulo II de “espiritualidade de comunhão”⁹⁹.

O Concílio Vaticano II manifesta, sobretudo, a essência da Igreja como comunhão através, também, das imagens de Povo de Deus e Corpo de Cristo.¹⁰⁰ Assim declara o documento *Lumen Gentium*: “A Igreja é em Cristo como que o sacramento ou o sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”¹⁰¹. Com isto, o Concílio apresenta a Igreja como uma comunhão, em primeiro lugar com Deus. Ele, a Comunhão Eterna dos Três, cria o ser humano para que possa experimentar o seu amor, vivenciar uma profunda amizade, acolher o seu amor e a sua misericórdia. Trata-se da inserção no próprio ser trinitário de Deus, de participar da vida do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Esta comunhão com Deus é vivenciada no seio da comunidade cristã, na qual se faz a experiência do perdão, do amor e da festa, acolhendo o outro como um irmão no Senhor, um presente de Deus. Esta comunhão cristã é chamada a ampliar-se a toda a comunidade humana. Todos os seres humanos são chamados a viver esta experiência de comunhão profunda com Deus e entre si. Neste sentido, a comunidade cristã percebe sua missão específica de, no testemunho prático de tal comunhão, fazer proliferar esta mesma comunhão.

Verifica-se com isto que a comunhão implica sempre uma dupla dimensão como sugere o símbolo da cruz: *vertical* (comunhão com Deus) e *horizontal* (comunhão entre os homens). A primeira deve ser vista, em primeiro lugar, como fruto da gratuidade de Deus, que oferta a sua vida ao ser humano, convidando-o a dela participar por meio do mistério pascal, recebida de modo peculiar por meio dos sacramentos¹⁰². É comunhão de cada ser humano com o Pai, por Cristo, no Espírito Santo; é comunhão na paixão de Cristo (cf. 2Cor 1,7), na mesma fé (cf. Ef 4,13; Fl 6), no mesmo espírito (cf. Fl 2,1). Esta comunhão oferecida é tão forte a ponto de expandir-se entre os seres humanos, criando entre eles uma fraternidade universal: “No meio da humanidade, dividida em contínua discórdia, sabemos por experiência que sempre levais as pessoas a procurar a

⁹⁹ cf. PAPA JOÃO PAULO II, *NMI* 43.

¹⁰⁰ *LG* 4, 8, 13-15, 18, 21, 24-25; *DV* 10; *GS* 32; *UR* 2-4, 14-15, 17-19, 22.

¹⁰¹ *LG* 1.

¹⁰² Os sacramentos tem este poder de congregar a todos no Mistério da Trindade Santa e entre si. Dentre eles, a Eucaristia destaca-se como sacramento “mediante o qual a Igreja se consocia no tempo presente” (S. AGOSTINHO, *Cont. Faus.*, 12, 20: PL 42, 265). “A nossa participação no corpo e sangue de Cristo não tende senão a transformar-nos naquilo que recebemos” (S. LEÃO MAGNO, *Ser.* 63, 7: PL 54, 357).

reconciliação.”¹⁰³ O Espírito de comunhão tende a se proliferar mesmo com a força do pecado original, que tende a fechar o ser humano em si mesmo. A graça superabunda o pecado e move os corações a se decidir pelo amor. Esta graça é veiculada, sobretudo, por meio da Igreja, Povo de Deus, “*congregado na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo*”,¹⁰⁴ povo que procura renovar-se e reformar-se constantemente para ser, no mundo, instrumento de comunhão. A Igreja, comunhão dos santos, é chamada a se realizar na unidade da pluralidade. Esta pluralidade refere-se quer à diversidade de ministérios, de carismas, de formas de vida e de apostolado no interior de cada Igreja particular, quer à diversidade de tradições litúrgicas e culturais entre as diversas Igrejas particulares¹⁰⁵. Pluralidade esta que não impede a comunhão, mas, ao contrário, a realiza.¹⁰⁶ Verifica-se, portanto, que “o conceito de comunhão está ‘no coração da autoconsciência da Igreja’.”¹⁰⁷

Após o Concílio, a Igreja busca aprofundar esta concepção da Igreja como comunhão. Na Exortação Apostólica *Christifideles Laici* João Paulo II refere-se a ela nestes termos:

A comunhão dos cristãos tem por modelo, fonte e meta, a própria comunhão do Filho com o Pai, no dom do Espírito Santo: unidos no vínculo amoroso do Espírito, os cristãos estão unidos ao Pai.¹⁰⁸

O modelo da comunhão eclesial é, pois, a comunhão trinitária. A Trindade, o Deus único na diversidade das pessoas, é o paradigma da comunhão entre os membros da Igreja, comunhão chamada de “orgânica” por João Paulo II, trazendo presente a teologia paulina da Igreja como Corpo:

A Comunhão eclesial apresenta-se como uma comunhão orgânica, análoga à de um corpo vivo e operante: ela, de fato, caracteriza-se pela presença simultânea da diversidade e da complementaridade das vocações e condições de vida, dos ministérios, carismas e responsabilidades. Graças a essa diversidade e

¹⁰³ Prefácio da Oração Eucarística VIII.

¹⁰⁴ S. CIPRIANO, *De Or. Dom.* 23: PL 4, 553; cf. LG 4b.

¹⁰⁵ Cf. LG 23.

¹⁰⁶ PAPA JOÃO PAULO II. *Discurso na Audiência geral*, 27-09-1989, n. 2. In http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/audiences/1989/documents/hf_jp-ii_aud_19890927_it.html.

¹⁰⁷ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da Igreja entendida como comunhão*, n. 3. In http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_28051992_communionis-notio_po.html.

¹⁰⁸ PAPA JOÃO PAULO II, *ChL* 18.

complementaridade, cada fiel leigo está em relação com todo o corpo e dá-lhe o seu próprio contributo.¹⁰⁹

João Paulo II dirigiu-se aos cristãos, convocando-os a uma séria reflexão sobre a necessária comunhão na Igreja, em vista da evangelização no Novo Milênio que despontava. Apresentava a necessidade de cada membro da Igreja assumir o carisma e o ministério que lhe é próprio para que, de fato, a Igreja pudesse ser dotada de sua vivacidade. E ainda afirmava:

Fazer da Igreja a casa e a escola da Comunhão: eis o grande desafio que nos espera no milênio que começa, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo.¹¹⁰

A comunhão não é, portanto, uma opção possível entre várias, mas uma urgência de fidelidade aos desígnios de Deus. Trata-se de estar atentos aos “sinais dos tempos”, mas ter a clareza, através deles, de que ela faz parte da natureza mais profunda da Igreja, do desígnio de Deus: a Igreja é comunhão! João Paulo II tinha a clareza da necessária reforma da Igreja em suas estruturas.¹¹¹ Porém, não deixa de chamar de ilusão a mudança de estruturas, a rejeição de certos modelos e a invenção de novos métodos e iniciativas numa linha de comunhão e participação sem, contudo, amadurecer uma espiritualidade de comunhão.¹¹² João Paulo II ensina que, no projeto de uma Igreja de comunhão e participação, são necessárias as duas vias: a da reforma institucional e a da renovação espiritual, sendo que, para ele, a primeira é consequência da segunda. Percebe-se, no entanto, que é necessário investir com todas as forças nestas duas vias que devem ser simultâneas. É certo que não basta apenas uma reforma da instituição sem uma espiritualidade que a motive e a sustente. Por outro lado, a estrutura de comunhão e participação vai favorecer o amadurecimento humano e cristão, inserindo o ser humano num horizonte maior: a família, a Igreja, a sociedade.

¹⁰⁹ Ibid., n. 20.

¹¹⁰ PAPA JOÃO PAULO II, *NMI* 43.

¹¹¹ Neste sentido, pode-se ver o apelo que faz a todas as pessoas a dar suas sugestões em relação à forma de exercício do ministério petrino. Cf. Ibid., n. 44.

¹¹² “Antes, é preciso promover uma espiritualidade de Comunhão, elevando-a ao nível de princípio educativo em todos os lugares onde se forma o homem e o cristão, onde se educam os ministros do altar, os consagrados, os agentes pastorais, onde se constroem as famílias e as comunidades” Ibid., n. 43.

João Paulo II apresenta quatro características da espiritualidade de comunhão: a primeira¹¹³ trata-se de uma contemplação do mistério trinitário de Deus, evidenciado no mistério pascal. Significa contemplar a vida do Nazareno, de forma especial o seu mistério pascal, e deixar-se atrair e conformar-se à imagem do Deus Criador. A Trindade, a comunhão do Pai, Filho e Espírito Santo, é o modelo de toda comunhão humana e, ao mesmo tempo, aquela que a capacita.

A segunda característica decorre desta. Trata-se da capacidade de sentir com o outro.¹¹⁴ A comunhão nunca nos isola do outro, nunca nos separa dos homens, como se fosse apenas entre mim e Deus. Essa comunhão com o divino só existe quando se expressa e se vive na comunhão com o outro, que é Deus vivo diante de mim, corpo do Corpo, um comigo. O advento de Deus no coração do ser humano tornando-o um cristão faz com que o seu coração se encha de alegria e de amor e faz com que este viva um êxodo em direção aos outros, abrindo os seus olhos e o seu coração para os seus semelhantes. Este êxodo de si para sentir o irmão compartilhando da sua vida evidencia ainda outra característica da espiritualidade de comunhão.

A espiritualidade da comunhão significa, em terceiro lugar¹¹⁵, perceber os irmãos como um presente de Deus. Não significa negar as dificuldades e os pecados do outro, mas reconhecer, antes de tudo, os seus dons, suas qualidades, a fim de aceitá-lo e amá-lo; trata-se de perceber o outro como possibilidade do meu próprio crescimento como pessoa humana e cristã. Acolhê-lo, assim, mais do que uma obra de caridade, é acolher a caridade de Deus que ofereceu o outro para o meu crescimento.

Por fim¹¹⁶, para aquele que se encontrou com Cristo, recebendo o seu acolhimento e perdão, o encontro com o outro se tornará fundamental e ele perceberá o outro não como um opositor, mas um companheiro de viagem rumo

¹¹³ “Espiritualidade da comunhão significa, em primeiro lugar, ter os olhos do coração voltados para o mistério da Trindade”. Ibid., 43.

¹¹⁴ Espiritualidade da comunhão significa também a capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo Místico, isto é, como um que faz parte de mim, para saber partilhar as suas alegrias e os seus sofrimentos, para intuir os seus anseios e dar remédio às suas necessidades, para lhe oferecer uma profunda e verdadeira amizade. Ibid., n. 43.

¹¹⁵ Espiritualidade da comunhão é ainda a capacidade de ver, antes de mais nada, o que há de positivo no outro, para o acolher e valorizar como dom de Deus: um dom para mim, como o é para o irmão que diretamente o recebeu. Ibid., n. 43.

¹¹⁶ “espiritualidade da comunhão é saber criar espaço para o irmão, levando ‘os fardos uns dos outros’ (Gal 6, 2) e rejeitando as tentações egoístas que sempre nos ameaçam e geram competição, arrivismo, suspeitas, ciúmes” Ibid., n. 43.

ao encontro definitivo com o Senhor e, neste caminho, ambos devem procurar se ajudar em vista de chegarem juntos à meta.

Estas quatro características da espiritualidade de comunhão ajudam a compreender a importância de se trabalhar, juntamente da reforma, uma espiritualidade de comunhão, sem a qual novas configurações eclesiais seriam desprovidas de seu sentido verdadeiro.¹¹⁷

Ao se trazer presente a reflexão de João Paulo II, quer-se apresentar a importância de se caminhar nestas duas dimensões: reforma e renovação. É necessária a valorização de instrumentos estruturais que garantam a comunhão eclesial nos diversos níveis e, simultaneamente, a promoção da espiritualidade de comunhão. Se uma estrutura de comunhão não se sustenta sem uma respectiva espiritualidade, também a espiritualidade de comunhão só será tal se acompanhada de uma estrutura, uma vez que a espiritualidade cristã é encarnada.

E como promover esta espiritualidade de comunhão, tendo em vista que os membros da Igreja são os que vivem numa sociedade extremamente individualista? Como promover uma espiritualidade de comunhão e diálogo que possa configurar a comunidade cristã àquela Trinitária e ser, na comunidade humana, projeto e fermento de uma humanidade nova? Percebe-se que tal desafio é bem complexo e deve ser desenvolvido em todos os âmbitos eclesiais: na família (a Igreja doméstica), na catequese, na liturgia, nos seminários e casas de formação, nos centros de formação teológica, entre os diversos ministros da Igreja ordenados ou não, nos diversos grupos e movimentos, comunidades de base e comunidades de vida. Todos, em todos os níveis, devem se empenhar em tal caminho.

Bruno Forte, em seus escritos, colaborará para com esta temática, mostrando a importância de se fazer um cristianismo fundado no encontro com Cristo e, através dele, com a Trindade Santa. Afirma: “O movimento cristão na história nasce da experiência do encontro com o Ressuscitado, que mudou profundamente a existência dos discípulos”.¹¹⁸ É o encontro com Cristo que funda o ser cristão e o Cristianismo. Se uma pessoa participa de um grupo organizado, com suas leis, suas estruturas e sua hierarquia, denominado ‘Igreja’ é porque faz um encontro

¹¹⁷ “Não haja ilusões! Sem esta caminhada espiritual, de pouco servirão os instrumentos exteriores da comunhão. Revelar-se-iam mais como estruturas sem alma, máscaras de comunhão, do que como vias para a sua expressão e crescimento” Ibid., n. 43.

¹¹⁸ FORTE, B. *La Parola della fede*, p. 209.

peçoal com o Senhor, encontro este que modificou a sua existência, plenificando-a de sentido. No encontro com Cristo, a pessoa faz a experiência da graça de Deus, se depara com o Senhor misericordioso que a perdoa, liberta, modifica seu coração e renova sua vida¹¹⁹. Acontece, neste momento, um encontro em que o “eu” se encontra com um “Tu”, resplandecente de beleza e que o envolve com sua ternura. Como apresentado nos capítulos precedentes, aquele que se encontra com Cristo realiza, na verdade, um encontro com a Trindade. Jesus – e, de forma especial, sua morte e ressurreição – revela-nos o rosto de um Pai amoroso que, no Espírito, ama o Filho e estende seu amor à pessoa humana. “A vida cristã é vida segundo o Espírito (cf. Rm 8,14), em conformidade com Cristo (cf. Gl 2,20), participação na experiência filial do Filho na relação com o Pai (cf. Gl 4,6): o cristão vive da Trindade!”¹²⁰. Pai, Filho e Espírito Santo são o ponto inicial da existência cristã, mas também o ponto final, o cume para o qual se encaminha toda história humana. Descobre-se, então, a Trindade como centro do cristianismo, ou seja, origem, morada e meta da existência cristã.

Nada existe que seja mais específico e mais vitalmente importante para a existência eclesial do que a confissão trinitária. Longe de ser um vago teorema celeste, a Trindade é o evento em que, no revelar-se da vida divina, encontram sentido e força as obras e os dias dos homens.¹²¹

Este evento com o qual se depara o ser humano durante a sua existência, por sua vez, suscita a necessidade de novos encontros com ele, de um caminho juntos no qual a novidade e a beleza da Trindade nunca se esvai. “Dupla é a exigência do conhecimento nutriente e vivo que a revelação do mistério acende em quem dela faz a experiência: o fazer-se Deus companheiro de caminho suscita, por um lado, o desejo de conhecer mais profundamente o Estranho que convida, por outro, o de melhor conhecer diante dele e nele: ‘Permanece conosco, pois cai a tarde e o dia já declina’ (Lc 24,29).”¹²² Trata-se aqui da dinâmica da Revelação, já vista, a qual apresenta um Deus que dá-se ao ser humano, sem contudo esgotar sua novidade, sem deixar-se aprisionar pelo ser humano. Neste encontro, o ser humano se depara com o mistério de si próprio e se percebe como ser transcendental criado para relacionar-se no amor com Deus e descobre a

¹¹⁹ Id., *L'eternità nel tempo*, p. 148; *La sicurezza che non ci deluderà mai*, p. 256.

¹²⁰ Id., *A Trindade como história*, p. 53.

¹²¹ Ibid., p. 57.

¹²² Ibid., p. 90.

personalidade de Deus que lhe ouve e fala: “Enquanto imagem de Deus, o ser humano é um ser pessoal colocado diante de um Deus pessoal. Deus se volta a ele como pessoa e o ser humano lhe responde.”¹²³

O Deus do encontro, com a força do seu amor, toca o ser humano e o transforma; é o Amor gratuito oferecido aos pecadores, aos malvados, aos tolos, aos enfermos e que os torna justos, bons, sábios, fortes; amor que se oferece não porque o ser humano é belo ou bom, mas que torna o ser humano belo e bom porque se oferece.¹²⁴ O Deus revelado no encontro com Cristo é o Deus que ama e não se cansará nunca de amar porque Dele provém o amor. O ser humano que possui uma configuração crística, modelado à imagem do Filho eterno, que é o Amado do Pai, torna-se capaz de acolher este amor gratuito, amor que cura suas feridas e o coloca em condição de amar. No Acolhimento do amor divino, é possibilitado, pela graça do Espírito, a vivenciar relações de gratuidade e de serviço.

O amor de Deus provoca a coragem (Sl 23,1.4), faz com que se possa viver uma vida de entrega a partir das entregas divinas. “Torna-se capaz de amar quando se descobre amado por primeiro, envolvido e conduzido pela ternura do amor em direção a um futuro, que o amor constrói em nós e por nós.”¹²⁵ O ser humano entende-se como ser de relação; sua existência se realiza num lançar-se em direção ao outro, que compreende as diversas individualidades com as quais se depara, mas, sobretudo, o autor das mesmas: “A verdadeira consistência da criatura está assim na sua ‘existência’ na sua capacidade de ‘estar fora’ (existere) e ‘andar em direção’ do abrir-se ao Outro e de hospedá-lo em si.”¹²⁶ Trata-se de perceber o ser humano, como afirma a antropologia bíblica, como ser transcendental, que é “feito para amar e ser amado, para estabelecer relações de solidariedade e de comunhão não só com os outros seres humanos, mas também com a criação inteira, que lhe é confiada como jardim a cuidar”.¹²⁷

A reflexão de Forte ajuda, portanto, a perceber a importância da renovação eclesial que se dá, sobretudo, num encontro subversivo com a Trindade Santa. Possibilita perceber a importância de uma comunidade de discípulos, de pessoas

¹²³ Id., *L'eternità nel tempo*, p. 131.

¹²⁴ Pensamento de Lutero retomado por Forte. Cf. FORTE, B. *La parola della fede*, pp. 105ss.

¹²⁵ Id., *Per una teologia del dialogo come teologia dell'amore*, p. 11.

¹²⁶ Id., *L'eternità nel tempo*, p. 31.

¹²⁷ Ibid., p. 32.

que fizeram um encontro pessoal com Cristo abrindo-se ao amor, pois através deste encontro com o Filho, que revela o ser de Deus, revela-se também o mistério do ser humano e mostra-se a ele a sua altíssima vocação. O ser humano se percebe chamado ao amor, à vivência da comunhão na pluralidade na qual está inserido. E diante do pluralismo, que se realiza em diferentes esferas, inclusive na religiosa, perceber-se-á a beleza desta pluralidade, se clarificará que o pluralismo é a possibilidade de o Cristianismo recuperar aquilo que de mais essencial possui, a saber: a fé como opção pessoal e livre do ser humano que se depara com o amor de Deus. Centrar-se-á não em doutrinas ou mandamentos eclesiásticos, mas num encontro da pessoa com Cristo. Neste sentido, o empenho da renovação eclesial será propiciar este encontro novo de cada fiel com Cristo, provocar um diálogo pessoal e amoroso com o Deus revelado em Cristo. O diálogo com o Pai, em Cristo, no Espírito fomentará a espiritualidade de comunhão. Em primeiro lugar, com a Trindade do Deus revelado em Jesus Cristo. Isto significa viver uma relação profunda, íntima, apaixonada com a Trindade a ponto de se exclamar: “Tu és minha vida, outro Deus não há”¹²⁸, conforme afirma um tradicional hino da Igreja. A comunhão com Deus enche de gozo a vida daquele que faz esta experiência, de tal modo que ele sente que o sentido de sua existência é viver neste amor: “pra mim o viver é Cristo” (Fl 1,21).

Tal comunhão com o Deus Trino insere o ser humano na comunhão com os seus semelhantes. É o acolhimento do amor do Deus trinitário ofertado na cruz de Jesus que possibilita relações de amor entre os seres humanos. Ninguém pode dar aquilo que não possui. O ser humano amado por Deus tem a possibilidade de fazer de sua vida uma existência amorosa: “A figura do amor revelada no evento pascal do Nazareno e na concretude normativa do seu evento pascal é o sinal da acolhida do Pai e da acolhida pura e libertadora do outro, sem fechamento a ninguém.”¹²⁹ Do amor de Deus provém o amor à família, aos amigos, mas também aos inimigos e às pessoas em geral, com todas as suas diversidades. O Encontro com o Deus do Advento possibilita novos encontros amorosos na vida cotidiana que, ao mesmo tempo, manifestam o amor recebido e atestam a veracidade da experiência do amor divino: “Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, pois o amor é de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a

¹²⁸ <http://www.youtube.com/watch?v=Ud7nrMs6aBE>

¹²⁹ FORTE, B. *La carità, forma della chiesa*, p. 402.

Deus. Aquele que não ama não conheceu a Deus porque Deus é Amor.” (1Jo 4,7-8). A Igreja comunidade é chamada a ser, desta forma, comunidade de irmãos livres e maduros, unidos por amor a Deus e que, acolhendo o amor divino, buscam amar-se mutuamente.¹³⁰ E neste encontro com os outros, o ser humano percebe que foi criado também para receber e comunicar amor e se realiza em sua existência:

A relação interpessoal exprime assim a estrutura fundamental originária do ser, a profundidade ontológica pela qual o ser humano não é solidão, mas constitutiva abertura ao outro, e vem a realizar-se no reconhecimento e na acolhida da alteridade¹³¹.

Perceber-se-á que, em perspectiva da nova evangelização, dever-se-á redescobrir a importância do diálogo, seja o diálogo com o mundo global, com as tecnologias, com as ciências ou com as diversas religiões. Para com todos cabe uma atitude de escuta e respeito, em vista da paz. O diálogo necessitará ser vivido especialmente no interior da Igreja: “Sem diálogo no seu interior, a Igreja nunca será ‘ícone da Trindade’, reflexo humilde e denso no tempo do diálogo eterno dos Três. Sem diálogo de solicitude e de amizade para com a comunidade dos homens, essa não anunciará quanto gratuitamente foi revelado e doado”.¹³² O diálogo entre os cristãos se origina no diálogo amoroso dos Três, os quais ensinam a importância de se aceitar o diferente não como uma ameaça ou um adversário, mas como aquele com o qual se poderá estabelecer uma relação na qual o ser humano se realizará enquanto pessoa. O cristão na relação com o diverso de si, percebe que possui também uma configuração comunitária, uma vez que é criado à imagem e semelhança de Deus: “Em analogia com a vida de relações da Trindade, o homem foi feito para amar e só se realizará a si mesmo se estabelecer com os outros seres humanos e com todas as criaturas relacionamento de amor proporcional a cada uma delas”¹³³. Viverá, assim, o acolhimento generoso e livre do amor, mas também sairá de si, doando-se ao outro no amor, à imagem trinitária. Inicia-se, assim, uma “Igreja em saída”, como pede o Papa Francisco, uma Igreja que vá em direção ao outro percebendo que ela é missionária por vocação e que, motivada pela palavra de Deus, deve viver num êxodo constante

¹³⁰ XABIER PIKAZA, O. de M. op. cit., p. 233.

¹³¹ FORTE, B. *L'eternità nel tempo*, p. 46.

¹³² Id., *Per una teologia del dialogo come teologia dell'amore*, p. 15.

¹³³ FORTE, B. *Teologia da História*, p. 219.

de si mesma em busca do outro, especialmente daqueles que estão nas “periferias existenciais”.¹³⁴ A contemplação do mistério trinitário de Deus, revelado na Páscoa, motiva o cristão a viver sua condição exodal com coragem e alegria: “A figura do amor do Espírito, revelada na Páscoa, se põe no sinal da unidade (‘vinculum unitatis’) e da abertura e alienação do amor (‘vinculum aeternitatis’) e, por isso, da identidade que se oferece na relação e na saída de si.”¹³⁵ A Igreja, vivendo num diálogo amoroso com o Pai, pelo Filho, no Espírito, “acolherá o dom do alto e apresentará o louvor e a necessidade dos homens (...) será a voz dos pobres, oração carregada de fome e sede de justiça dos oprimidos, intercessão e grito desarticulado dos últimos.”¹³⁶ E, neste diálogo, encontrará forças para estar ao lado dos sofredores, lutando com eles por sua dignidade: “O povo que celebrar a eucaristia é também o povo que se sente inexoravelmente chamado a quebrar as cadeias da iniquidade, a compartilhar o compromisso de libertação, a realizar com as obras a fraternidade dos homens diante da única paternidade do Deus de Jesus Cristo.”¹³⁷

No mundo de hoje em que as pessoas têm dificuldade de amar – mundo marcado por rupturas de amizade, de matrimônio, de experiências religiosas – o cristão é chamado a vivenciar um amor íntimo com o Senhor e ser, no mundo, sacramento deste amor através de uma vivência concreta. Uma Igreja de Comunhão, uma civilização do Amor, que são projetos da nova evangelização, começam singularmente quando experimentam o amor pessoal de Deus e se deixam renovar por este amor: “A nova evangelização deve começar antes de tudo no interior da igreja e dos cristãos singularmente. ‘Senhor, renova a tua Igreja e começa por mim’ (Francisco de Assis)”¹³⁸ Exige um esforço pessoal, uma abertura livre e generosa à graça transformadora de Deus. “A renovação da Igreja só poderá realizar-se através da disponibilidade à conversão e duma fé renovada”¹³⁹. A Igreja do futuro, uma Igreja toda ela renovada e reformada, nasce quando cada cristão se coloca na condição de discípulo, deixando-se amar e ser moldado pelo Senhor:

¹³⁴ PAPA FRANCISCO, *EG*, n. 20-24.

¹³⁵ FORTE, B. *La carità, forma della chiesa*, p. 402.

¹³⁶ Id., *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 238.

¹³⁷ Ibid., p. 239.

¹³⁸ KASPER, W. *La sfida della nuova evangelizzazione*, p. 9.

¹³⁹ PAPA BENTO XVI, Homilia na *Esplanada do Aeroporto de Friburgo*. In http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2011/documents/hf_ben-xvi_hom_20110925_freiburg_po.html.

A Igreja nasce do seu unir-se entorno à pessoa de Jesus Cristo e do seu seguimento. A Igreja cresce através do discipulado. Se nos colocamos todos na escola de vida de Jesus e fazemos o nosso melhor possível pelo reino de Deus, então a Igreja demonstrará na fé uma nova força e vitalidade¹⁴⁰.

Na renovação da Igreja cada membro deve procurar fazer a sua parte por meio de um corajoso abandono nas mãos de Deus, de uma conversão sincera, reconhecendo as suas faltas, os seus vacilos na vivência da fé e deixando-se transformar pela ação do Espírito de amor que renova a face da terra.¹⁴¹ A nova evangelização implica que todos nos reconheçamos como analfabetos religiosos e que necessitamos encontrar-nos com o Senhor e aprendermos o abc de nossa fé.¹⁴²

Pode-se intuir, ainda, a partir da teologia de Forte, que a espiritualidade trinitária diz respeito à comunhão do ser humano com o cosmo e pode favorecer a Igreja a entrar em comunhão com diversos grupos que buscam um mundo sustentável.¹⁴³ No mundo marcado gravemente pela “crise ecológica”, no qual a aproximação desequilibrada com a natureza se percebe com maior intensidade, cabe aos cristãos fomentar uma espiritualidade de comunhão com o *creator*, através da qual o ser humano possa perceber que o cuidado de si também se realiza no cuidado de sua “casa”. Cabe os cristãos retomar a herança bíblica para com o cuidado do universo, exemplarmente ilustrado em Gn 2,15, texto que sinaliza o cuidado para com a Terra em termos de missão: “Iahweh tomou o homem e o pôs no jardim do Éden para o cultivar e o guardar”. Este texto, ao lado do testemunho da espiritualidade franciscana com o “Cântico das criaturas” e da espiritualidade beneditina de organização e de equilíbrio, atesta que a tradição judaico-cristã propõe uma espiritualidade de respeito, solicitude e cuidado para

¹⁴⁰ KASPER, W. *La sfida della nuova evangelizzazione*, p.13.

¹⁴¹ Duas orações de grandes homens mostram este abandono e entrega pessoal nas mãos de Deus: Meu Pai, eu me abandono a Ti, faz de mim o que quiseres. O que fizeres de mim, eu Te agradeço. Estou pronto para tudo, aceito tudo, desde que a Tua vontade se faça em mim e em tudo o que Tu criastes. Nada mais quero, meu Deus. Nas Tuas mãos entrego a minha vida. Eu Te a dou, meu Deus, com todo o amor do meu coração, porque Te amo. E é para mim uma necessidade de amor dar-me, entregar-me nas Tuas mãos sem medida com uma confiança infinita, porque Tu és...Meu Pai!” (Carlos de Foucault); “Tomai, Senhor, e recebei toda a minha liberdade, minha memória, meu entendimento e toda minha vontade. Tudo que tenho e possuo. Vós me destes com amor, e a Vós, Senhor, vos devolvo com gratidão. Tudo é vosso; dispõe de tudo segundo vossa vontade. Dai-me somente o vosso amor e vossa graça que isto me basta sem que te peça outra coisa. Dai-me o vosso Amor e Graça, que elas me bastam (S. Inácio de Loyola).

¹⁴² KASPER, W. *La nuova evangelizzazione* In KASPER, W. *La sfida della nuova evangelizzazione*, p. 39.

¹⁴³ De forma especial, consultar FORTE, B. *Teologia da História*, pp. 205-296.

com toda a criação, contrariando as acusações feitas à teologia judaico-cristã de que, como qualquer discurso humano, corre o risco da instrumentalização.

Assim, cabe aos cristãos, embasados em sua tradição, propor ao mundo uma espiritualidade de cuidado para com o cosmo, percebendo-o como um presente do Deus Trino, do qual o ser humano é chamado a aproximar-se com estupor e admiração.¹⁴⁴ A fé no Deus que se manifestou na história da salvação, trinitariamente criando, redimindo e santificando todas as coisas, insere o ser humano na vivência da comunhão com o diverso de si, comunhão realizada no respeito e no cuidado para com os outros seres humanos e para com sua casa comum. O mundo criado é o “lugar” no qual se desenrola a obra salvífica, cenário no qual é estabelecida a aliança de Deus com todo ser vivo (cf. Gn 9,12.17), por Cristo no Espírito. Criado pelo Pai, por meio de Cristo e em vista dele, o mundo é marcado com o selo do Espírito, que, por sua vez, imprime em cada ser o dinamismo trinitário que impulsiona à alteridade e à comunhão. Com a doutrina trinitária se clarifica a verdadeira dignidade e missão do ser humano no mundo:

a interpretação trinitária do antropocentrismo bíblico não nega sua importância, mas o caracteriza como antropocentrismo de relacionamento: não como déspota, e sim como guardião e amigo o homem foi posto na criação, para que seu relacionamento com o mundo esteja sob a bandeira da comunhão e não do domínio.¹⁴⁵

A fé cristã aparece, então, como companheira dos ideais ecológicos e fomentadora da comunhão necessária entre o ser humano e a criação; com sua teologia, elaborada na comunhão com Deus, com os outros e com o cosmo, contribuirá eficazmente na construção de novos relacionamentos com a natureza, tão necessários para a preservação do planeta e para a vida humana.

Portanto, verifica-se que a teologia de Forte é significativa para os dias atuais, uma vez que cultiva uma espiritualidade que não corresponde a uma fuga do mundo, mas, antes, sugere uma contemplação da Trindade Santa, que veio habitar na história humana, abraçando e redimindo esta história.

Enquanto salvação da história e não fora dela, a religião da encarnação não despreza nada daquilo que é histórico e mundano, mas acolhe a grandiosidade do dom divino nas humildes coordenadas dos eventos e das palavras, nos quais o Eterno quis oferecer-se no tempo.¹⁴⁶

¹⁴⁴ Ver especialmente BUZZI, A. *Introdução ao pensar*.

¹⁴⁵ FORTE, B. *Teologia da História*, p. 219.

¹⁴⁶ Id., *L'eternità nel tempo*, p. 187.

É uma teologia que é espiritual no mais alto grau, pois parte da vivência da fé em Cristo Jesus, nasce do seio da comunidade eclesial como reflexão sobre a fé professada, se desenrola na escuta e na contemplação do Mistério de Deus que assumiu a história humana e, ao mesmo tempo, aponta para o fim da história que tem o seu ponto culminante no seio Trinitário.

No que tange à espiritualidade, perceber-se-á, ainda, na teologia de Forte a necessidade de o ser humano colocar-se à escuta do Mistério. Ao chamar a atenção para os três elementos da experiência da revelação no Antigo Testamento, a saber, “a iniciativa do Senhor, a resposta à palavra e a eficácia do encontro”,¹⁴⁷ que, no Novo Testamento, se apresentam na novidade da “iniciativa do Ressuscitado”, no “reconhecimento de Jesus de Nazaré” e na “missão” que surge deste encontro¹⁴⁸, Forte indica que a experiência da revelação, a “experiência de Deus”, dá-se, em primeiro lugar, pela bondade generosa de Deus, que é o primeiro no amor e se dá ao ser humano, mas, por outro lado, mostra a necessidade da atitude interior de silêncio e de atenção por parte do ser humano a fim de que tal encontro possa gerar seus frutos. No que tange à espiritualidade de nossas comunidades, cabe cultivar uma atitude de escuta, que pode ser desenvolvida a partir dos seguintes aspectos: recuperação do silêncio na liturgia (como são previstas nas próprias normas) – uma liturgia de muito barulho e pouco silêncio pode cair no perigo de se transformar em mero espetáculo, ao invés de lugar da experiência de Deus; redescoberta da *lectio divina* ou leitura orante como lugar privilegiado da contemplação dos mistérios da salvação e da acolhida amorosa da salvação de Deus oferecida em Cristo; divulgação dos círculos bíblicos como encontro com o Deus que se revela na palavra e ilumina a vida, realizados em grupos de família, de amigos, vizinhos etc.; redescoberta da liturgia das horas como oração de toda a Igreja e modelo de oração do cristão; contemplação dos mistérios do rosário, unindo-se a Maria, que meditava as ações de Deus em seu coração; valorização da partilha, em pequenos grupos, da experiência de Deus realizada no cotidiano (como, por exemplo, já intuía o Manual do Apostolado da Oração) – tais partilhas podem edificar os membros da Igreja, pois todos poderão perceber a graça de Deus agindo na história e daí haurir forças para superar os limites pessoais; contemplação e estupor diante da criação, percebendo como nela

¹⁴⁷ Cf. Id., *Teologia da história*, p. 135.

¹⁴⁸ Cf. Id., *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, pp. 96-103.

Deus manifesta a sua ternura; silêncio orante diante dos acontecimentos da história, percebendo “os sinais dos tempos” e o projeto de Deus para o ser humano.

A Igreja seja, assim, “escola de oração”, onde todos são iniciados e constantemente convocados a dirigir a Deus súplicas, ação de graças, louvor, contemplação, escuta atenta para alcançar um coração apaixonado por Deus e pelos irmãos.¹⁴⁹ Muitos hoje desejam fazer uma experiência de Deus e clamam “ensina-nos a rezar” (Lc 11,1) e a comunidade cristã deve estar disposta a não somente oferecer este caminho de oração, mas, também, sugeri-lo e fomentá-lo. No cultivo do Silêncio, a pessoa deixa-se envolver pelo Silêncio que é o Espírito, ouve a Palavra que é o Filho e percebe que a Palavra conduz ao Silêncio primeiro e último da história humana: o Mistério do Pai.

A renovação da Igreja ocorrerá, com efeito, em novas relações. Em primeiro lugar, num novo relacionamento com Deus, num amadurecimento progressivo da vida cristã, da intimidade com o Deus vivo e verdadeiro realizada no silêncio contemplativo e no diálogo amoroso. Mas, também, de maneira semelhante, através de um novo relacionamento com os outros e com sua história.

7.4

Trindade e história social

Ao desenvolver uma reflexão sobre o anúncio do evangelho, Bruno Forte apresenta algo que é de fundamental importância para realização desse anúncio: a situação atual da história.¹⁵⁰ Ele aponta para a procura de sentido na atualidade, após o naufrágio das pretensões totalizantes do século passado, suscitadas pela ideologia da “razão adulta”. O teólogo, em meio à época de decadência que se está vivendo – a “cultura débil” do imediatismo e relativismo, onde tudo se torna frágil, levando o ser humano a fugir do esforço e da paixão pela verdade –, consegue perceber um sinal de luz. Trata-se daquilo que ele chama de a

¹⁴⁹ cf. PAPA JOÃO PAULO II, *NMI* 33.

¹⁵⁰ FORTE, B. Anunciar hoje Jesus Cristo, único Salvador. In *Teo comunicação*, pp. 751-765.

“redescoberta do outro” e a “nostalgia do Totalmente Outro”.¹⁵¹ Ele aponta para o crescente espírito de solidariedade que emerge na contemporaneidade, manifestado nos mais diversos tipos de voluntariado e serviço missionário. Da mesma forma, apresenta a crescente necessidade da busca de sentido, de horizontes últimos para a história humana, evidenciados, sobretudo, na busca de um novo consenso acerca das questões éticas, a partir da força do bem “em si” e não mais “dos resultados”, em vista do crescente mundo dos excluídos. Com isto, busca-se perceber a presença de Deus atuando na história, em meio às suas contradições, convidando o ser humano a se abrir ao advento de Deus na história.

A percepção desta inquietante busca de sentido mostra-se fundamental para o empenho dos cristãos na história, ou seja, trata-se de perceber aquilo que angustia hoje o ser humano para se posicionar adequadamente. Bruno Forte lembra que “muitas vezes, a dificuldade da missão deve-se ao fato de respondermos a questões que ninguém põe ou colocarmos questões que não interessam a ninguém”.¹⁵² Com isto, o teólogo incentiva o cristão a se comprometer com a história a partir das próprias questões que são levantadas por ela e afirma que “a pergunta verdadeira que todos trazemos no fundo do nosso coração é na realidade a questão pela infinita dor do mundo, a questão da dor e da morte.”¹⁵³ Assim, mostra a necessidade de o cristão, partindo da dor do mundo e imbuído pela esperança proveniente do Senhor Ressuscitado, se posicionar, ajudando na superação do sofrimento do mundo.

Em meio à angustiante procura de sentido, manifesta na “redescoberta do outro” e na “nostalgia do Totalmente Outro”, o cristão é chamado a anunciar a pessoa de Jesus Cristo, a anunciar o Deus que, em Cristo, é “Totalmente Dentro, o grande companheiro e o invencível apoio do vigiar e do padecer humano”.¹⁵⁴ O cristão anuncia um Deus que, na cruz, se mostrou solidário com o sofrimento humano, assumindo em si o sofrimento a fim de transformá-lo. Um Deus que não pretende dar soluções mágicas para o sofrimento humano, mas que se coloca como um companheiro, verdadeiramente solidário para com os sofredores, assumindo em si as nossas dores, fazendo de sua história uma história de dores. Do Deus revelado no Crucificado-Ressuscitado brotam a comunhão e a

¹⁵¹ Ibid., pp. 756-757.

¹⁵² Id., Deus Pai no amor quer todos salvos em Cristo, o Filho amado In *Teo comunicação*, p. 718.

¹⁵³ Ibid., p. 719.

¹⁵⁴ Id., *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 39.

solidariedade com o sofrimento dos homens e mulheres deste mundo e o empenho, pautado na esperança da Ressurreição, de transformar em Cristo, no Espírito, a realidade de dor. No Deus que se fez solidário com a humanidade, fundamentam-se a solidariedade e o empenho dos cristãos:

Se o Deus da Igreja é Totalmente Dentro, a Igreja de Deus deverá estar totalmente dentro da angústia dos desolados, oprimidos e explorados desta terra. Ao mesmo tempo, ela deverá estar totalmente dentro da luta diária pela libertação do homem; ela é uma Igreja em comunhão com a paixão e a esperança dos homens, e a serviço da libertação deles.¹⁵⁵

Nesta perspectiva apresentada por Bruno Forte, o empenho dos cristãos na história de sofrimento dos homens e mulheres não é apenas uma opção possível, mas é algo inerente ao ser cristão. Empenhar-se na causa dos sofredores da história é abrir-se ao Deus que assumiu a história humana a fim de salvá-la. Empenhar-se com a história de dor do mundo é a atitude de quem se encontrou com o Deus Trino, que fez da história humana história da salvação. Os cristãos, desta forma, dentre os diversos grupos religiosos, grupos em defesa da vida e dos homens e mulheres de boa vontade, são chamados a dar uma contribuição significativa para a história atual, imbuídos do Espírito do Ressuscitado. São chamados a se colocar na história do mundo com um olhar de esperança, acreditando na presença de Cristo na história e ajudando a transformar a história de morte na de vida.

Os cristãos, a partir da certeza da Ressurreição de Cristo, enxergam o horizonte de esperança e são convidados a desmascarar as falsas realizações humanas e a apresentar o testemunho da verdadeira realização em Cristo. Neste sentido, compreende-se quando Bruno Forte afirma: “Uma Igreja empenhada no testemunho é a voz do Pai e a voz da verdadeira esperança, é a contestação e crítica de todas as míopes realizações e esperanças do homem”.¹⁵⁶ Trata-se de, ao contemplar o evento passado da ressurreição de Jesus, que se faz nosso contemporâneo por meio do seu Espírito, abrir-se à realidade futura, possibilitada pelo Pai na ressurreição do Crucificado, denunciando tudo aquilo que aprisiona o ser humano e apresentando-lhe o verdadeiro caminho de realização que lhe é aberto no Crucificado-Ressuscitado.

¹⁵⁵ Ibid., pp. 39-40.

¹⁵⁶ Ibid., p 40.

Verifica-se, assim, que a caridade brota da Páscoa do Senhor. “Cruz e ressurreição – enquanto história do amor trinitário – são o princípio original e estruturante da Igreja como caridade. A Páscoa, o narrar-se do amor trinitário de Deus, funda a Igreja como comunidade memorativa-narrativa do amor”.¹⁵⁷ A Igreja que brota da comunhão Trinitária procurará ser *memoria Crucis Domini*, manifestando a solidariedade para com os pobres, os últimos, os “sem-Deus”, e, ao mesmo tempo, será *memoria Ressurrectionis Domini*, deixando-se “ser permanentemente gerada pelo amor trinitário de Deus através da Palavra e dos Sacramentos e abrindo-se à contemplação do amor para a vivência do amor e da acolhida recíproca”.¹⁵⁸ Páscoa, neste sentido, significa, para a Igreja, acolhimento do amor trinitário de Deus, que congrega os seus para, ao receberem o seu amor, se tornarem sacramento de amor no mundo. A Igreja, ao fazer memória do Senhor, atualizará sua entrega e proclamará sua ressurreição ao se colocar junto aos sofredores do mundo, comunicando-lhes o amor gratuito de Deus.

A experiência cristã torna-se um configurar-se ao mistério pascal de Cristo, entrar em comunhão com a Trindade Santa, que assumiu a história humana. Longe de ser uma “fuga do mundo”, a espiritualidade será colocar-se no seguimento do Crucificado-Ressuscitado, configurando-se na dinâmica da encarnação, no cuidado do mundo temporal, o qual foi objeto da encarnação de Deus. “Um cristianismo que seja fuga do mundo e da história é traição da Encarnação de Deus”¹⁵⁹ Na ação solidária, o ser humano encontra o sentido da existência. A solidariedade para com o próximo oferece o “sentido capaz de dar sabor à vida e à história. O sentido que somente Cristo, no seu amor crucificado, foi capaz de oferecer e continua a doar a quem o acolhe no profundo do coração e da vida, na fé, na esperança e na caridade para com o próximo.”¹⁶⁰

Desta forma, o anúncio de Cristo hoje passa necessariamente pelo profetismo. Ser discípulo de Jesus significa romper com toda forma de exclusão, denunciar tudo aquilo que oprime e escraviza o ser humano hoje, anunciando a vontade salvífica de Deus, apresentada em Jesus Cristo. O anúncio do Deus que toma partido do ser humano, sofrendo com ele, deve impulsionar para um

¹⁵⁷ Id., *La carità, forma della chiesa*, In *ASPENAS* 32 (1985) 398-402, p. 401.

¹⁵⁸ Cf. *Ibid.*, p. 401.

¹⁵⁹ Id., *Una teologia per la vita*, p. 212.

¹⁶⁰ *Ibid.*, p. 224.

comprometimento com a causa dos sofredores, ajudando-os a superar suas dores.

A Teologia, com isto, (e conseqüentemente a Cristologia) necessita ser:

uma teologia profética, que seja uma palavra para o hoje da Igreja e do mundo, uma consciência crítica da história; que seja, portanto, no sentido mais amplo, uma teologia política, uma teologia da libertação, uma teologia que vive na luta. A reflexão da fé cristã sobre Jesus Cristo saberá situar-se no presente e nele representar com fidelidade a novidade e a força crítica da Cruz e Ressurreição.¹⁶¹

Ser cristão, com isto, é ser profeta. É comprometer-se com a causa de todos aqueles que sofrem, denunciando um sistema de exclusão que, de modo algum, reflete a vontade de Deus. “Cada batizado é chamado a ser alguém atuante na situação histórica em que vive, exercendo o papel crítico-profético, que o confronto entre a palavra da fé e o presente suscita nele”.¹⁶² Ser discípulo significa ajudar hoje a descer da cruz milhares de pessoas que estão sofrendo com um sistema excludente, ajudá-los a recuperar a dignidade de vida da qual Jesus é missionário: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Bruno Forte, neste sentido, afirma: “O encontro com Jesus Cristo revela o sentido profundo da vida e nos faz perceber chamados por Deus e, por isso, comprometidos em uma caminhada ativa de salvação na qual a glorificação de Deus e a promoção do homem vão no mesmo passo.”¹⁶³ O amor a Deus, neste sentido, passa necessariamente pela via do próximo. “Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar. E este é o mandamento que dele recebemos: aquele que ama a Deus ame também o seu irmão” (1Jo 4,21-22). O encontro com Jesus, que nos confere o amor trinitário de Deus, nos faz ser amantes de Deus e dos irmãos; a caridade brota do sentir-se amado por Deus: “Segundo o testemunho bíblico, a verdade do amor salvífico de Deus motiva a exigência do amor operoso para com o próximo: o indicativo teológico funda o imperativo moral, o dogma se exprime na ética.”¹⁶⁴

O ser humano que se encontrou com Cristo traz no seu diálogo com o Pai, realizado no Espírito por meio da oração, a angústia dos sofredores, o desejo de justiça dos oprimidos e a intercessão em favor dos últimos; na sua oração evoca as

¹⁶¹ Ibid., p. 41.

¹⁶² Id., *A missão dos leigos*, p. 64.

¹⁶³ Id., *Cristologie del Novecento*, p. 55.

¹⁶⁴ Id., *L'eternità nel tempo*, p. 247.

situações humanas e recebe as forças necessárias para se colocar no mesmo caminho percorrido por Jesus, que se posicionou ao lado dos oprimidos e humilhados. “A inteira existência moral do cristão, vivida na “sequela Christi”, vem assim apresentada como um caminhar na fé, na esperança e na caridade”.¹⁶⁵

O profetismo, portanto, exigirá dos cristãos uma vivência da liberdade, ou seja, que não se deixem ser guiados pelos “grandes” e “poderosos” deste mundo, mas que, com uma liberdade crítica, realizem uma

opção a favor dos pobres, análoga à que foi feita por Jesus de Nazaré: onde existem marginalizados e oprimidos, ali a Igreja deve antes de tudo saber reconhecer o seu lugar, para compartilhar, para denunciar através de uma obra de conscientização dos pobres a iniquidade presente, para anunciar, por obras e palavras, o advento do Reino. Igreja livre quer dizer então Igreja dos pobres: comunidade que, embora se sentindo chamada a levar a todos a graça do evangelho, faz uma opção preferencial a favor dos últimos, porque sabe que somente assim ela mesma se deixará evangelizar e poderá evangelizar de maneira crível o mundo.¹⁶⁶

Ao focar a presença dos cristãos na história ao lado dos pobres, Bruno Forte faz recordar a opção preferencial pelos pobres realizada em Medellín e Puebla e reafirmada nas Conferências Latino-americanas posteriores. Trata-se de uma opção profética que questiona a própria Igreja, incentivando-a a uma conversão permanente para que ela, cada vez mais, possa se identificar com o Cristo pobre e com os pobres.¹⁶⁷ Somente nesta identificação com Cristo, que dedicou a sua vida ao anúncio da boa-nova aos pobres (Lc 4,18), é que a Igreja se deixa evangelizar, moldando-se ao seu fundador, e, ao mesmo tempo, adquire credibilidade no mundo para anunciar o Cristo, que, sendo rico, se fez pobre para nos enriquecer com sua pobreza (cf. 2Cor 8,9). Somente uma Igreja radicada na vida de Jesus, que viveu plenamente a liberdade, livre de qualquer poder deste mundo, vivendo como Ele, poderá denunciar com coragem e firmeza os injustos sistemas que oprimem os seres humanos.

Os cristãos, compartilhando da vida dos pobres, não terão soluções mágicas a propor, mas deverão, à semelhança do seu Senhor, se colocar ao lado deles em solidariedade, sofrendo com eles, sendo missionários da esperança; e tendo consciência de que “o seu lugar de pobres entre os pobres, vivido na fé, na esperança e no amor, pode tornar-se um apelo, tanto mais inexorável quanto mais

¹⁶⁵ Ibid., p. 251.

¹⁶⁶ Id., *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 273.

¹⁶⁷ Especialmente DP 904.

arriscado e fiel, à libertação da injustiça e do pecado pessoal e social.”¹⁶⁸ Trata-se de uma presença solidária, pois se coloca ao lado daqueles que estão desprovidos de sua dignidade, dando-lhes esperança; mas, ao mesmo tempo, é uma presença profética, que questiona aqueles que retêm os bens em suas mãos para que se abram à graça de Deus, colaborando para que todos tenham uma vida digna. O profetismo exige, desta forma, uma Igreja livre dos poderes deste mundo, que se coloque ao lado dos pobres, compartilhando com eles a esperança de um mundo novo que ela sabe que se realizará no encontro definitivo com as Pessoas Divinas. A esperança cristã não provém de um determinado tempo histórico ou situação econômica, mas do Pai que ressuscitou, por meio do Espírito, seu Filho dentre os mortos.

Ela será necessariamente uma Igreja “que toma partido”: não no sentido do interesse dos grandes e poderosos deste mundo, e de seus alinhamentos, mas precisamente no sentido de ficar ao lado dos fracos, ela mesma fraca e pobre, mas confiante na única força que lhe é possível transmitir, a força do Senhor crucificado e ressuscitado.¹⁶⁹

A presença dos cristãos no mundo dos pobres, desta forma, deve ser uma partilha da esperança que vem do “sim” dado pelo Pai na ressurreição do Filho. Isto significa fortalecer a esperança em Deus, que, em Jesus, conhece o sofrimento humano e se coloca ao lado dos sofredores, anunciando-lhes o Reino vindouro. Significa confiar na força subversiva da Páscoa, esperando que as todas as situações de morte deste mundo também sejam transformadas, ou seja, acreditar no Espírito de Cristo presente na história, conduzindo-a até a sua consumação final em Deus. Trata-se de anunciar o Cristo, que veio trazer a libertação verdadeira a todos os sofrimentos do ser humano, mostrando àqueles que colocam sua esperança nas organizações deste mundo que

a emancipação do homem moderno – como processo de libertação produzido só pelas forças mundanas – não cessará de produzir totalitarismos e manipulações de toda espécie, se não souber abrir-se à libertação que foi oferecida em Jesus Cristo à história.¹⁷⁰

Desta forma, pode-se perceber, a partir da reflexão de Bruno Forte, que os cristãos, ao se colocarem ao lado dos pobres, são para eles uma presença de

¹⁶⁸ FORTE, B., *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 273.

¹⁶⁹ Id., *A missão dos leigos*, pp. 13-14.

¹⁷⁰ Id., *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 274.

esperança, ao mesmo tempo em que contestam as míopes presunções do mundo emancipado e mostram que a libertação verdadeira deste mundo não provém de reflexões abstratas ou de sistemas econômicos e políticos que não abrem espaço para Deus. Essa libertação é, antes, dom de Deus, dado na cruz de Jesus, que deve ser acolhido pelo ser humano e vivido no amor livre aos irmãos e irmãs. Apostar na verdadeira libertação e promoção do ser humano é se abrir para o amor de Deus revelado em Jesus Cristo, deixando-se amar por Ele para, assim, amar verdadeiramente aos irmãos. Na cruz de Jesus, revela-se o imenso amor de Deus pelo ser humano, que supera qualquer projeto deste mundo. Este amor envolvente é, ao mesmo tempo, convidativo a novas experiências, pois é um amor que nos impele a olhar para aqueles que estão à nossa volta e partilhar de sua história, sendo na vida deles uma presença amorosa de Deus.

A teologia de Forte contribuirá para que não se caia na ilusão de que a unidade do gênero humano e a busca da justiça e da paz estão em acordos diplomáticos; antes, elas se concretizarão na abertura do ser humano ao mistério do Deus Trino, “a partir do momento em que essa unidade divina abre-se a nós, oferecendo-se como unidade de Amor, Amor amante, Amor amado, amor que unifica Deus e o mundo na liberdade”¹⁷¹ Cabe ao cristão, ao denunciar os sistemas de opressão, declarar com toda força que a realidade de miséria, opressão e alienação, na qual o ser humano de hoje vive, é uma ofensa ao ser humano e conseqüentemente a Deus¹⁷² e, ao mesmo tempo, propor a experiência com o Deus Trino como libertação e salvação.¹⁷³ Tal encontro com a Trindade impulsiona à vivência da filiação divina e, ao mesmo tempo, da irmandade universal; significa encontrar-se com aquele que transforma a existência plenificando-a de sentido e motivação. O encontro com Cristo, experiência trinitária de Deus, suscita, na pessoa que tem este contato pessoal com Ele, uma nova postura frente à história. No encontro com o Cristo ressuscitado, percebe-se a importância da história humana e, também nós, somos motivados a dar importância à nossa história, nos comprometendo com ela, assim como fez o próprio Deus, que em Cristo ingressou na história humana para redimi-la e salvá-

¹⁷¹ Id., *La sicurezza che non ci deluderà mai*, p. 258.

¹⁷² Id., *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 17.

¹⁷³ “Onde não tem gratuidade o dom é perdido: onde não se é capaz de adoração e louvor, a caridade cede à filantropia, que, por quanto nobre, não atinge o mistério da origem, não liberta e salva verdadeiramente o homem.” Id. *La celebrazione della festa e l'esercizio della carità*, p. 55.

la. Destarte, o anúncio do Deus cristão será de um “evangelho”, a boa notícia do amor de Deus, que vem ao encontro das misérias e fragilidades, restaurando a dignidade humana: “não se pode deixar de reconhecer que a libertação da Trindade das secas abstrações teológicas conduz a confessar a Trindade como libertação dos pobres e dos oprimidos, dom, força e horizonte de um amor que transforma o mundo e a vida.”¹⁷⁴ Não é à toa que o Documento de Aparecida destacou a presença da Igreja junto aos pobres. Ela é a “casa dos pobres” e deve caracterizar-se enquanto tal: “O serviço de caridade da Igreja entre os pobres é um campo de atividade que caracteriza de maneira decisiva a vida cristã, o estilo eclesial e a programação pastoral”.¹⁷⁵

Caberá à Teologia, com efeito, perceber a força subversiva do anúncio do Deus trinitário, acolhendo em si o ser humano e sua história marcada pelo sofrimento, assumindo posição junto aos menos favorecidos em socorro dos quais vem Deus. Neste sentido, como foi apresentado nos capítulos iniciais, são positivas a teologia política, da libertação, feminista e todo o discurso sobre Deus feito a partir dos excluídos e tendo em vista a sua promoção, renunciando às tentações de poder e prestígio e centrando-se na história de dor do Nazareno que transparece a dor e a solidariedade divinas.¹⁷⁶

Conforme mostra Bruno Forte, hoje, numa época de pós-modernidade, em que a solidão e a renúncia de amar se tornam bem presentes, os discípulos de Jesus, Daquele que revelou na cruz o seu imenso amor pela história humana, devem se fazer “servos por amor”. Trata-se de fazer o “êxodo de si” em direção ao outro, especialmente daqueles mais fracos e pobres, participando de sua história de sofrimento e lágrimas.¹⁷⁷ Os discípulos do Deus sofredor são aqueles que “se esforçam por sair de si mesmos e entrar no caminho doloroso do amor: uma comunidade de pobres a serviço dos pobres, capaz de refutar com a vida os sábios e poderosos desta terra”.¹⁷⁸ Ser cristão significa, desta forma, assumir, com

¹⁷⁴ FORTE, B. *La carità, forma della chiesa*, p. 401.

¹⁷⁵ DAp 32.

¹⁷⁶ Muito interessante que a temática da Virgem seja desenvolvida por Forte na perspectiva da pobreza que deve haver na Igreja: “A virgindade de Maria é exemplar para a Igreja também enquanto significa ‘ausência de qualquer segurança humana’, de qualquer garantia ligada à capacidade e ao poder do homem. (...) Neste sentido, a pobreza dos meios terrenos é um aspecto da virgindade da Igreja; o recurso aos poderes deste mundo, a procura de honras ou de prestígio, a confiança nas garantias humanas são outras formas da tentação e do pecado contra a sua virgindade”. Cf. FORTE, B. *Maria, a mulher ícone do Mistério*, p. 174.

¹⁷⁷ Cf. Id., *A essência do cristianismo*, p. 112.

¹⁷⁸ Id., *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 299.

Cristo, a história de cruz e sofrimento do povo, buscando eliminar as iníquas cruzes dos oprimidos. “A compaixão para com o Crucificado traduz-se na compaixão laboriosa para com os membros do seu corpo na história.”¹⁷⁹ Celebrar hoje a salvação do Deus Trino realizada na cruz de Jesus é comprometer-se com a cruz de todos os sofrendores deste mundo. É impedir que se levantem outras cruzes na história.

O povo que celebra autenticamente a eucaristia é também o povo que se sente inexoravelmente chamado a quebrar as cadeias da iniquidade, a compartilhar o compromisso de libertação, a realizar com obras a fraternidade dos homens diante da única paternidade do Deus de Jesus Cristo.¹⁸⁰

Esta busca por um mundo novo, no qual vigoram novas relações de justiça e de paz, apresentada na teologia de Forte não provém, no entanto, de uma utopia revolucionária ou de uma confusão entre “promessa” e “prolepse”, mas trata-se de uma teologia que percebe que o Reino é promessa, é futuro, mas que já entrou em curso no tempo histórico com a Ressurreição de Cristo. “Por Cristo o Pai reconciliará consigo o mundo no Espírito. Todas as cruzes da terra serão alcançadas pelo Espírito do Ressuscitado, como o foi a cruz infame do Nazareno.”¹⁸¹

A esperança do futuro move o ser humano na transformação da realidade presente em vista daquela esperada em Deus no fim dos tempos. É a busca do Paraíso Celestial, a busca de Deus, que vai transformando a realidade presente, inserindo-a no projeto de Deus que se realizará plenamente na Parusia. “É a ressurreição de Cristo que deixa inquieto o coração, libertando-o já hoje das falsas seguranças e estimulando-o ao compromisso com a libertação do mundo, atraindo ao presente dos homens o futuro da promessa de Deus”.¹⁸² A escatologia, longe de ser consoladora, é “objeto da promessa pascal e, portanto, conteúdo de esperança fundamentada, que compromete o coração e a vida para uma ética e espiritualidade de plena responsabilidade para com Deus, para com os outros homens e para com o mundo”.¹⁸³ A experiência cristã não só modifica o modo de

¹⁷⁹ Ibid., p. 301.

¹⁸⁰ Ibid., p. 239.

¹⁸¹ Ibid., p. 192.

¹⁸² Id., *Teologia da história*. p. 314.

¹⁸³ Ibid., p. 370.

ver a vida, mas também o seu colocar-se diante da realidade.¹⁸⁴ Segundo o autor, quem se encontra verdadeiramente com Cristo muda a sua compreensão da história e, mais, se coloca também de um modo diferente frente à mesma. Encontrar-se com Cristo, conforme apresenta Bruno Forte, é olhar a história, percebendo nela o encontro entre o êxodo e o advento, o encontro entre Deus, que se manifesta imensamente interessado pela história humana a ponto de ingressar nela de modo novo e surpreendente, e o ser humano, no seu permanente caminhar que é a vida humana, ocorrido uma vez por todas em Jesus Cristo.¹⁸⁵ Encontro este que subverte o modo de pensar e viver.¹⁸⁶ Encontrar-se com Cristo é viver a aventura subversiva de perder a sua vida para ganhá-la (cf. Mt 16,25).

Por fim, proclamar a fé em Jesus Cristo e no Deus revelado por Ele, anunciar o Evangelho Trinitário de Deus, é, portanto, manifestar em gestos significativos a proximidade junto aos excluídos, proximidade esta que dará credibilidade ao anúncio da palavra.¹⁸⁷ Não se faz necessário ter uma explicação para as dores humanas, mas ser uma presença junto aos sofredores e, a partir desta presença, sinalizar a solidariedade de Deus para a humanidade. Estar junto, mais do que oferecer palavras. Nesta sociedade pós-moderna deve-se deixar de lado a pretensão de dar uma resposta ao sofrimento humano. Não se trata aqui de omissão ou indiferença aos problemas hodiernos, mas, antes, se colocar ao lado das vítimas em silêncio, compartilhando a sua dor, assim como o Deus cristão, que não é a resposta à questão do sofrimento, mas aquele que fez sua esta questão. “Deve-se hoje mostrar com a própria vida que Cristo é verdade, bondade, beleza infinita, e que vale verdadeiramente a pena empenhar-se com e por Ele.”¹⁸⁸ É pelo testemunho de amor dos cristãos que, naturalmente, a fé se propagará, quando se repensa Deus inserido na história humana marcada pelo sofrimento e, mais, quando ele se insere em tal realidade a fim de transformá-la em Cristo, a questão de Deus aparece com toda beleza e atração, e o Cristianismo se torna capaz de cumprir sua missão evangelizadora, pois o desafio de hoje não está em demonstrar que Deus existe, mas em descobrir o mistério de Deus no mundo e na nossa vida.

¹⁸⁴ Cf. Id., *Experiência de Deus em Jesus Cristo*. In *Concilium*/258, p. 72.

¹⁸⁵ Id., *A Teologia como companhia, memória e profecia*, p. 64.

¹⁸⁶ Id., *Cristologie del Novecento*, p. 18.

¹⁸⁷ Cf. Id., *A essência do cristianismo*, p. 113.

¹⁸⁸ Id., *Una teologia per la vita*, p. 143.